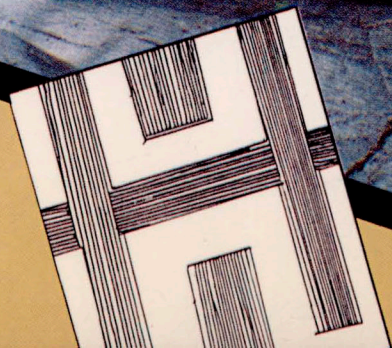


A serra do Urubu Branco, no norte do Mato Grosso, é o centro do território Tapirapé. Nesse livro, os alunos da Escola Tapirapé utilizam relatos dos mais velhos para trazerem essas "histórias das nossas aldeias".



MEC

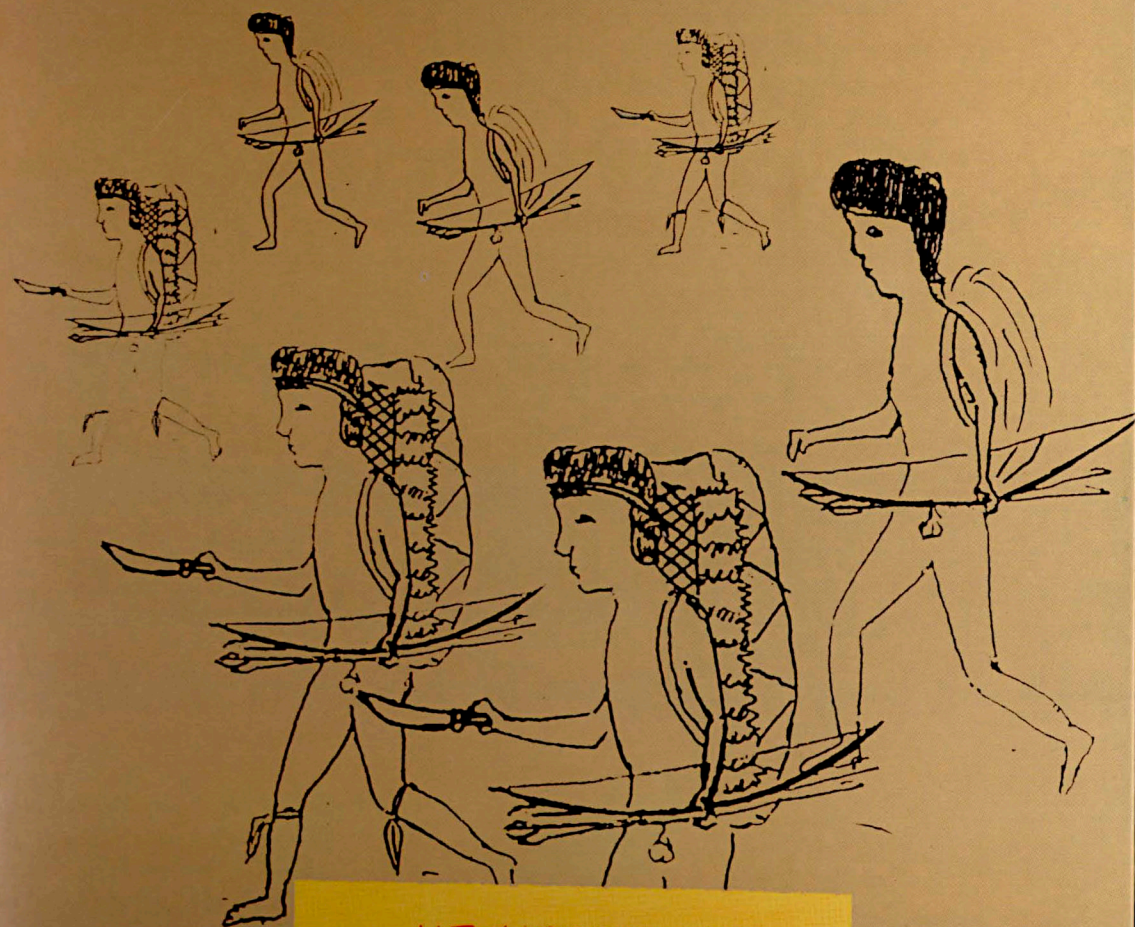
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E DO ESPORTO

APOIO:
• PNUD
• PROJETO NORDESTE

XANETAWA PARAGETA

HISTÓRIAS DAS NOSSAS ALDEIAS

COMUNIDADE TAPIRAPÉ



MEC/SEF/MARI

COMUNIDADE TAPIRAPÉ

XANETAWA PARAGETA

HISTÓRIAS DAS NOSSAS ALDEIAS



Presidente da República:
Fernando Henrique Cardoso

Ministro de Estado da Educação e do Desporto:
Paulo Renato Souza

Secretário Executivo:
Luciano Oliva Patrício

Secretária de Educação Fundamental:
Iara Glória Areias Prado

Diretora do Departamento de Política da Educação Fundamental:
Virgínia Zélia de Azevedo Rebeis Farha

Coordenadora Geral de Apoio às Escolas Indígenas:
Ivete Maria Barbosa Madeira Campos

Equipe Técnica:
Deuscreide Gonçalves Pereira, Deusalina Gomes Eirão, Célia Honório Pereira, Andréa Patrícia Barbosa de Carvalho, Cristiane de Souza Geraldo.

Comitê de Educação Escolar Indígena:
Iara Glória Areias Prado-Presidente, Susana Martelleti Grillo Guimarães, Meiriel de Abreu Sousa, Luís Donisete Benzi Grupioni, Sílvio Coelho dos Santos, Aldir Santos de Paula, Rosely Maria de Souza Lacerda, Jadir Neves da Silva, Darlene Yaminalo Taukane, Alice Oliveira Machado, Valmir Jesi Cipriano, Algemiro da Silva, Nieta Lindemberg Monte, Bruna Franchetto, Terezinha de Jesus Machado Maher, Nilmar Gavino Ruiz, Marivânia Leonor Furtado Ferreira, Júlio Wiggers, Álvaro Barros da Silveira, Gersen José dos Santos Luciano e Walderclace Batista dos Santos.

Publicação financiada pelo MEC - Ministério da Educação e do Desporto, dentro do Programa de Promoção e divulgação de Materiais Didático-pedagógicos sobre as Sociedades Indígenas, recomendada pelo Comitê de Educação Escolar Indígena.

COMUNIDADE TAPIRAPÉ

XANETAWA PARAGETA

HISTÓRIAS DAS NOSSAS ALDEIAS

2ª edição

MEC/SEF/MARI

São Paulo/Brasília

1998

Universidade São Paulo
Reitor Flávio Fava de Moraes

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Diretor João Batista Borges Pereira

Departamento de Antropologia
Chefe Paula Montero

MARI- Grupo de Educação Indígena
Coordenadora Aracy Lopes da Silva

Pastoral Indigenista da Prelazia de São Félix
Eunice Dias de Paula e Luiz Gouvêa de Paula

Coordenação do Projeto
André Amaral de Toral
Eunice Dias de Paula
Luiz Gouvêa de Paula

Equipe Responsável pela Execução do Projeto
André Amaral de Toral
Eunice Dias de Paula
Luiz Gouvêa de Paula
Paula Pinto e Silva

Revisão
André Amaral de Toral
Eunice Dias de Paula
Luiz Gouvêa de Paula
Paula Pinto e Silva
Comunidade Tapirapé

Desenhos
Adilson Xaopoko'i
Cantídio Taywi
Magno Okario'i
Rivaldo Warinimytygi
Xako'iapari (capa)

Fotos

1912 - Arquivo da 8ª Inspetoria Regional do S.P.I., Acervo Museu do Índio, FUNAI,
Rio de Janeiro.

1993/1995 - André Toral.

ÍNDICE

Carta de Apresentação do Cacique de Tapi'itawa 13

Introdução 16

Histórias das nossas aldeias:

1. *Xakarepera Parageta*

História do Xakarepera

Renilde Xe'akawya 36

2. *Karaxao Parageta*

História do Kayapó

Taparawytyga, Iparewao e Marapy'i 54

3. *Maakotawa Parageta*

A história de Maakotawa.

Elber Kamoriwa'i, Genivaldo Xawapare'ymi, Josimar Ieremy'i e

Alberto Orokomy'i 60

4. *Ka'io Parageta*

História do macaco

Alberto Orokomy'i, Julio Cesar Tawy'i, Arnaldo Axawaj'i e

Xario'i Carlos 68

5. Ipirakwaritawa Parageta

História da aldeia Ipirakwari

Agnaldo Wariniay'i e Axawaji 72

6. Tokynookwatawera re xe'agawa Parageta

História da velha aldeia Tokynookwatawa

Marcelino, Makato e Komaoro'i 75

7. Xexotawa Parageta

História da aldeia Xexotawa

Kaorewygi, Korira'i e Xário'i 79

8. Takarookywetawa Parageta

História de Takarookywera

Ipawygi, Iparewao e Oparaxowa 83

9. Moo'ytawa gy xapiaroawera Parageta

História da viagem de Moo'ytawa a Tapi'itawa

Xapoko'i 87

10. Moo'ytawa Parageta

História da aldeia Moo'ytawa

Tawy'i, Okario'i e Maraari 90

11. I'axoratawa Parageta

História de I'axoratawa.

Warinimytygi, Kanio'i, Korira'i e Ararawytyga 93

12. Manakaro Parageta

História do Dr. Mandacaru

Renilde Xe'akawyga 95

13. Karaxao Myta'i pyykawera kome'owawa Parageta

História de quando os Kayapó pegaram Myta'i

Agnaldo Wariniay'i e Ronaldo Kumaoro'i 99

14. Maakotawa wi toawa Parageta

História da volta de Maakotawa

Miualdo Korina'i, Makato, Okario'i e Reginaldo Kaarewygi 103

15. Padre Francisco Parageta

História do Padre Francisco

Wariniay'i, Jeremy'i, Xäopoko'i e Magno Okario'i 106

TAPI'ITAJPE XANE XEWYAWERA PARAGETA

Pee wexeta agy, akoma'ekwet, koxywet, awa'yawet, pitywet, mairagy kapitam 'yy'yp, kwakome'o'i penope ma'eramo Tapi'itajpe araxewyawera.

Areypy raka'e 'a Tapi'irape ramo araka aga ywy pe. Ka'a pyteripe, nietykawiwe raka'e a'eramo'yna are ka'a. Natywi raka'e ma'e tawaxara areypy'i pe akama'e mo. Maira agy xemo ta'e, itywetywet raka'e 'y'ywy maira wi.

Are tawa xe raka'e aga pe 'op. A'e awe amoera axekwaap akwapa. A'e pe y'a tywykwera ikwawi.

Amoera xowe raka'e maira gy aapa xotymawa mo. A'e apaawa pe raka i'aka areypy agy rywykwera.

Ygooixe 'a maira itorixe aga ywy pe, imamaxywo marynowarimo iare'ymoo ramo. Are ywy'i. Aremageakamatare'yma aga pe. Ipyyrogatomatata arewi aga. Emiga rexaga kwee 'a araxat ara ywy pe arawaka rano.

Takwaagatogato wamoja gy parageta kwera 'a ara ywy ypyetere araxawo, arawaxa gy we.

Apa araxawo rano; niwaxaj na 'a pitywera axeopa re araxawo.

Kwe tee we, araxeowetewo, niwaxaj 'opa ywy arewe araxawo.

Emiwemiwera rexaka kwee 'a araxat araywy pe rano.

Emixe xeparageta.

Xario Domingos Tapirapé
cacique da aldeia Tapi'itawa

Kamoriwa'i Elber Tapirapé
vice-cacique da aldeia Tapi'itawa

CARTA DE APRESENTAÇÃO DO CACIQUE DE TAPI'ITAWA

Gostaríamos de informar os motivos pelos quais retomamos no dia 23 de dezembro de 1993 a Área Indígena Urubu Branco, por nós denominada Tapi'itawa, e localizada no município de Confresa, estado do Mato Grosso.

Esta área é de posse imemorial do nosso povo e se encontrava em mãos de alguns latifundiários paulistas. A reocupação de parte desta área tradicional foi feita de maneira pacífica. A nossa proposta atinge 157.000 ha.

Os motivos reais que nos levaram a fazer essa retomada foram os seguintes:

-A atual área indígena Tapirapé/Karajá é insuficiente para nossa sobrevivência física e para realização do cerimonial cultural, como nos garante o capítulo 231 da constituição brasileira.

-A maior parte da atual área Tapirapé/Karajá é constituída por varjão, que é inundada no inverno.

-Que as matas da área indígena Urubu-Branco estavam sendo devastadas para formação de pastagem.

-As sepulturas de nossos ancestrais estavam sendo destruídas.

-Estávamos sendo impedidos de entrar nesta área.

-Para que a juventude conheça de perto os locais das antigas aldeias e assim possam saber melhor sua história. Assim como os não índios tem o direito de saber da história do Brasil.

São estes os motivos pelos quais acreditamos ter total direito a esta área.

Xario Domingos Tapirapé
cacique da aldeia Tapi'itawa

Kamoriwa'i Elber Tapirapé
vice-cacique da aldeia Tapi'itawa

Aldeia Tapi'itawa, 28 de novembro de 1995.

INTRODUÇÃO

As histórias e mitos aqui reunidos tem muito a ver com a luta dos Tapirapé pela recuperação de seu território. O material é fruto de pesquisas realizadas em 1992 pelos alunos da "Escola Estadual de Primeiro Grau Tapirapé".

A realização do trabalho foi possível graças a um esforço conjunto dos alunos, da direção da escola, formada por ex- alunos, da liderança do grupo, do casal da equipe indigenista da Prelazia de São Félix, Luiz e Eunice, responsáveis pela instalação da escola, e por André Toral, antropólogo e pesquisador do MARI - Grupo de Educação Indígena, vinculado ao Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo.

Os Tapirapé reocuparam recentemente uma parcela do seu território, invadido por fazendas, no município de Confresa e Santa Teresinha, extremo norte do Estado de Mato Grosso. Esse território é conhecido como Área Indígena Urubu Branco. Decididos a recuperar a área e cansados de esperar inutilmente uma ação por parte da Funai e do governo, os Tapirapé procuraram fortalecer sua presença no local nos últimos anos. Esse processo culminou na reocupação da área em 1993, e na reativação de Tapi'itawa, aldeia que havia sido abandonada devido a um ataque Kayapó em 1947.

Antes da reocupação, os Tapirapé, a partir da escola, organizavam excursões à área. Nessas viagens os membros mais velhos do grupo eram os professores, ensinando aos jovens alunos o significado religioso, econômico e histórico da área. Considerada o "coração" do território Tapirapé, a serra do Urubu Branco guarda boa parte da experiência do grupo na terra. Essa memória deveria, segundo o entendimento do grupo, ser preservada para que os mais jovens a conhecessem. A razão é simples: somente conhecendo seu significado os jovens poderiam suceder aos velhos na defesa e regularização legal desse território. Instalou-se na aldeia um clima saudosista, que crescia à medida em que os Tapirapé iam "pondo o pé" de volta na sua terra. Nas reuniões noturnas da *takara* - a casa dos homens no centro da aldeia -, assim como nas conversas nas casas, só se falava em uma coisa: Urubu Branco. Em todas essas conversas, os velhos contavam a história da área, e durante esses relatos muitas informações importantes iam sendo lembradas.

A proposta do casal de professores de sistematizar a recuperação desse conhecimento encontrou apoio entusiasmado da comunidade. Os alunos iniciaram os trabalhos. Durante semanas era comum ver na aldeia grupos de jovens sentados ao lado dos mais velhos que contavam as *xanetawa parageta*, "histórias de nossas aldeias".

Esse livro faz, portanto, parte desse processo de recuperação da terra e do conhecimento da serra do Urubu Branco. Destina-se a registrar parte da memória do grupo em relação ao seu território tradicional, cenário de sua história nos últimos séculos.

Como foi feito o livro

Os alunos fizeram a pesquisa com seus parentes mais velhos. Muitos deles, nesse processo, recuperaram parte da memória de sua família sobre seu território tradicional. Não havia mais a idéia de apenas *uma* aldeia Tapirapé. Ficou claro para os alunos que cada família tinha uma origem diferente, ligada a uma aldeia, com uma história toda especial. Havia então o pessoal que veio de Xexotawa, os que vieram de Tapi'itawa, os de Maakotawa e assim por diante. Os Tapirapé não eram todos de um só lugar. Eram originários de muitos lugares e estavam reunidos por força de um contato desfavorável com outros povos.

Depois que fizeram a pesquisa com os mais velhos, os textos foram trabalhados em grupos pelos alunos, que se encarregavam de juntar e sistematizar as versões individuais em uma só, mais completa. Em cada grupo havia um ou mais alunos que se encarregava de ilustrar as histórias. Depois os grupos trocavam as histórias para que um corrigisse as incorreções do outro.

Algumas das histórias, como *Xakarepera Parageta* e *Manakaro Parageta*, depois de gravadas, foram transcritas e traduzidas para o português por Renilde Xe'akawyga.

Posteriormente, as histórias foram digitadas e editadas em São Paulo por Paula Pinto e Silva, estudante de antropologia e pesquisadora do grupo MARI. Essa primeira versão foi levada de volta aos Tapirapé, para correções, em novembro de 1995, e setembro de 1996.

O reencontro com os alunos foi importante. A maioria deles já havia casado, e nos atendiam com o filho no colo. Já não viviam em apenas uma aldeia. Agora, com a reocupação do Urubu Branco, haviam duas. O texto foi cuidadosamente revisto pelos ex-alunos, que fizeram muitas correções. O jovem chefe da aldeia Tapi'itawa, Domingos Xari'o, e o vice-cacique Elber Kamoriwa'i, prepararam um texto apresentando a área e o livro. Feitas as correções, estava pronta a versão que vocês tem agora em mãos.

Graças ao Comitê de Educação Escolar Indígena, que recomenda a publicação deste projeto ao MEC, dentro do Programa de Promoção e Divulgação de Materiais Didático-Pedagógicos sobre as Sociedades Indígenas Brasileiras, os alunos, ex-alunos, e a comunidade Tapirapé em geral, terão agora oportunidade de

divulgar esse conhecimento. Serve aos Tapirapé como estímulo para novas pesquisas e conversas, além de material de leitura na língua do grupo, sempre bem-vindo, para ser utilizado na escola. É também uma ajuda na luta pela regularização da Área Indígena Urubu Branco, como testemunho da antiguidade de sua presença no local. Para o público mais amplo, esse trabalho relaciona história e território de uma maneira clara. Mostra como esse tímido povo de agricultores da mata alta envolveu com poesia o local onde viveram.

Xanetawa Parageta: A história das nossas aldeias

Quem conhece os Tapirapé hoje nem imagina as dificuldades por que passou esse grupo. Vamos falar rapidamente da sua história para que o leitor não familiarizado compreenda melhor o assunto do livro.

Antigamente os Tapirapé viviam muito ao norte de onde estão hoje. Vieram de uma região situada entre o rio Tocantins e Xingu, por volta de 1600, juntamente com outros povos de língua da família Tupi-Guarani. Ainda não se sabe bem porque saíram dessa região. Por volta de 1700 encontravam-se próximos ao local onde o rio Araguaia se encontra com o Tocantins. Ali os Tapirapé mantinham relações pacíficas com os Karajá do Norte e grupos Kayapó. A

partir de 1800, abandonaram essa região, quase fugindo, e dirigiram-se rapidamente para o sul, atual fronteira dos estados do Mato Grosso e Pará. Por que fizeram isso?

Algumas razões são levantadas por antropólogos e historiadores. Expedições paulistas destinadas a escravizar índios se dirigiram para a região entre o Araguaia e o Tocantins, no século XVII. Essas expedições causaram uma mudança na localização dos grupos indígenas que viviam no centro do Brasil. Os antigos Kayapó iniciaram uma migração para noroeste, terminando por entrar em território paraense, bem de encontro aos Tapirapé. A antiga convivência degenerou em brigas e ataques.

Tentando afastar-se de seus vizinhos, os Tapirapé deslocaram-se através das matas da margem esquerda do Araguaia. Esse caminho é bem descrito pelos grupos com os quais iam entrando em contato: Karajá do Norte e Karajá. Os contatos se limitavam a ataques sofridos pelos Tapirapé por parte desses grupos, principalmente dos Kayapó.

No início de 1800 os Tapirapé encontravam-se divididos: parte deles viviam na margem esquerda do Araguaia, bem na divisa do Mato Grosso com o Pará, e outra parte na Ilha do Bananal, onde mantinham boas relações com os Javaé das aldeias de Wariwari e

Imotxi. Em 1850 os Javaé aliaram-se aos Karajá e expulsaram os Tapirapé da Ilha. Anos de boa relação teriam sido encerrados pelo desrespeito, demonstrado em rituais, dos Tapirapé aos espíritos dos ancestrais Javaé e Karajá.

Os Tapirapé terminaram por reunir-se todos em várias aldeias, localizadas nas imediações da Serra do Urubu Branco. Em 1900 seriam aproximadamente 1.500 pessoas vivendo em cinco aldeias. Os ataques Kayapó forçaram o abandono das aldeias localizadas mais ao norte, próximas ao sertão de Conceição do Araguaia, no Pará. Seu território, de 1930 até 1993, é em grande parte representado pela zonas de ocupação de quatro aldeias: Xoatawa, Tapi'itawa, Xexotawa e Tawyao, esta última na barra do rio Tapirapé.

Desde 1910 até 1947, os habitantes de Tapi'itawa, a maior aldeia do grupo, receberam visitas contínuas de funcionários do Serviço de Proteção aos Índios (S.P.I.), prospectores de látex, missionários dominicanos vindos de Conceição do Araguaia, protestantes, antropólogos, visitantes nacionais e estrangeiros. A primeira e mais marcante visita do S.P.I. foi a do inspetor Mandacaru, em julho de 1912. Uma das histórias do livro, *Manakaro Parageta*, conta as impressões dos Tapirapé. Essa aldeia, onde a população Tapirapé se refugiou no período de intensa depopulação, poderia ser descrita

como uma das antigas e ao mesmo tempo a "porta de entrada" do território da tribo.

Tempos difíceis

A continuidade dos ataques Kayapó - e dos Karajá em menor escala - e principalmente o violento aparecimento de malária, gripe e simples resfriados, fez a população do grupo despencar para menos de cem pessoas no final da década de 40. Com a diminuição da população, os remanescentes passaram a se concentrar na aldeia de Tapi'itawa, procurando contato com a população regional e distância dos pontos mais ao norte de seu território, permanentemente atacados por grupos Kayapó.

Em 1946 a distante aldeia de Xexotawa é novamente ocupada por cerca de vinte pessoas, chefiadas por Kamairá, importante líder familiar. Esse grupo optou por viver numa aldeia que não estivesse tão sujeita a contatos com estrangeiros e às doenças trazidas por estes últimos.

Em 1947 Tapi'itawa sofreu um grande ataque, praticado pelos Kayapó Metuktire. A aldeia foi saqueada e a maior parte de suas casas, inclusive a casa dos homens, queimadas. Três mulheres foram mortas e duas meninas e um menino raptados. A violência do

ataque fez com que a população Tapirapé de Tapi'itawa se dispersasse por corrutelas regionais e fazendas. Uma parte do grupo procurou refúgio junto ao Posto Indígena Heloísa Alberto Torres (atualmente P.I. Tapirapé/ Karajá), na barra do rio Tapirapé.

A população de Xexotawa, enquanto isso, também sofreu um grande ataque Kayapó. A data não pode ser precisada. O ataque noturno dos Kayapó fez com que sua população se dispersasse e se dividisse em dois grupos, isolados um do outro, cujos membros ignoravam o destino dos demais, julgando-os perdidos ou mortos.

Um grupo dirigiu-se para o sul, reocupando o local da aldeia de Xoatawa, nas proximidades do alto curso do rio Gameleira. Este era o grupo liderado por Kamairá e compreendia basicamente sua família.

Os demais permaneceram nas proximidades da aldeia de Xexotawa, localizada no alto curso do rio Crisóstomo. Dirigiram-se progressivamente para leste, para a região do Araguaia. Eram seis pessoas. Com a morte do marido de Myta'i, atacado por uma onça, o grupo se reduziu ainda mais. Restavam agora a mulher Awaxirawi, sua filha Taixowoo, Myta'i e seu filho Awaeteo e mais uma mulher.

Os grupos de Xexotawa e de Xoatawa permaneceram isolados no meio da mata dos arredores da serra do Urubu Branco. Perderam contato com os demais Tapirapé, com a população nacional e com outros grupos indígenas por várias décadas até serem reunidos com os demais Tapirapé como veremos adiante.

Em 1950, o responsável pelo Posto, ajudado por missionários Dominicanos, persuadiu as dispersas famílias Tapirapé originárias de Tapi'itawa a se reunirem e formarem uma aldeia perto do posto do S.P.I. Num momento em que a sobrevivência do grupo como etnia estava seriamente ameaçada, o abandono da sua região de origem foi uma solução trazida de fora pelo representante do S.P.I.. A maior parte da população Tapirapé passou então a viver na "aldeia do Posto", na barra do rio Tapirapé, em contato com as aldeias Karajá próximas.

Permaneceram na área do Urubu Branco os habitantes da aldeia Xoatawa, nas cabeceiras do córrego Gameleira e, ao norte da área, o grupo que ficou na região de Xexotawa.

A partir de 1951, a Missão das Irmãzinhas de Jesus, a pedido do bispo dominicano de Conceição do Araguaia, instalou-se junto à aldeia da barra, dando-lhes assistência na área de saúde. Na década de 70, um casal de educadores da equipe de pastoral indigenista da

Prelazia de São Félix do Araguaia iniciou um projeto de alfabetização na língua. Atualmente, os atendentes da enfermaria, o diretor e professores da escola são Tapirapé, assalariados pela Secretarias Estaduais de Educação e Saúde.

A chegada das Irmãzinhas e o início de uma assistência regular de excelente qualidade marca também o início da recuperação demográfica dos Tapirapé reunidos na aldeia próxima ao posto.

A região do Urubu Branco continuou a ser utilizada não só pelos remanescentes de Xexotawa, divididos em dois grupos que nela viviam, como também pelo grupo reunido pelo S.P.I., que continuou a percorrê-la em expedições de caça e coleta, desde a sua instalação na foz do Tapirapé até os dias de hoje.

O destino dos habitantes de Xexotawa e Xoatawa contrasta com os da aldeia do Posto, no período que vai de 1950 a 1970. Enquanto esses últimos reconstituíam-se populacionalmente, com uma garantia mínima de terras por parte da Fundação Nacional do Índio (Funai) e a assistência de saúde por parte das Irmãzinhas, os grupos das aldeias de Xexotawa e Xoatawa viam sua população diminuir em função da fome, impossibilidade de fazer roças, malária e outras doenças, desnutrição, morte de crianças, ataques de Kayapó e de animais selvagens etc.

De 1946 a 1970, o grupo de Xexotawa foi reduzido de vinte para oito pessoas. No mesmo período, os que recebiam assistência experimentaram grande crescimento de população, passando de 51 para 136 pessoas em 1976.

Em 1964 o primeiro grupo dos remanescentes de Xexotawa faz contato com a população regional de Lago Grande, corrutela às margens do Araguaia. Eram cinco pessoas: Myta'i e seu filho Awaeteo, Awaxirawi e sua filha Taixowoo, e mais uma mulher, Mareakawa. Haviam atingido Lago Grande margeando lentamente o rio Crisóstomo e a região entre este e o córrego Antonio Rosa. Esse grupo havia permanecido 18 anos isolado na mata, sem se encontrarem com seus companheiros de tribo e nem com regionais. Foram trazidos para a nova aldeia e vivem hoje novamente com seus parentes.

Em 1970 conseguiu-se contatar o último grupo de Xexotawa. Liderados por Kamairá, haviam se instalado no médio Gameleira, após muitos anos de intermináveis marchas forçadas, no local da aldeia Xoatawa. O percurso deste grupo, segundo contam os Tapirapé, dirigiu-se muito a oeste, chegando a atingir um grande rio que acreditam ser o Xingu. O grupo de Kamairá encontrou-se, em 1970, acidentalmente, com um caçador regional de nome Domingos e conseguiu estabelecer contato pacífico. Este último avisou os

demais Tapirapé no Posto. Uma expedição foi montada e o reencontro do grupo se deu em Xoatawa, nas terras do rio Gameleira, local atualmente utilizado pela refinaria Gameleira para o plantio de cana de açúcar. Após 24 anos de isolamento forçado, o último grupo da aldeia de Xexotawa se reencontrou com seus parentes e amigos. Foram convidados e aceitaram visitar a aldeia nova. Pensavam num retorno à região, para aproveitarem suas roças e talvez reocuparem o local em que viviam com outras pessoas da aldeia nova. Kamairá deixou todas suas coisas no local pensando no retorno. Sua morte inesperada logo após a chegada na aldeia nova, e o agravamento da situação da demarcação da Área Tapirapé/Karajá adiaram esse retorno.

A luta pela terra

A partir de 1950, o médio Araguaia passou a ser aproveitado pela pecuária e pela especulação de terras. Em 1954 a CIVA, Companhia Imobiliária do Vale do Araguaia, instalou-se na nascente povoação de Santa Teresinha. A CIVA obtivera do Governo do Mato Grosso concessão para compra e venda de títulos de extensas áreas do Araguaia. A Companhia Colonizadora Tapiraguaia, sucessora da CIVA, continuou a negociar os loteamentos, muitos deles incidentes em terra indígena Karajá e Tapirapé.

Em 1959 o Departamento de Terras e Colonização do Mato Grosso, numa atitude ilegal, colocou à disposição de interessados, a totalidade do território onde se encontravam as aldeias Karajá e Tapirapé.

Todo o território imeditamente ao norte do rio Tapirapé, que incluía o P.I. Heloísa Alberto Torres, as terras habitadas tradicionalmente pelos Tapirapé e Karajá da barra do Tapirapé e do Urubu Branco, foi dividido em "lotes" e vendido a particulares.

A coisa era feita com tamanha má fé que até as terras de Santa Teresinha, atualmente sede do município de mesmo nome, foram loteadas e vendidas a fazendas, que exigiram a retirada imediata de seus moradores tradicionais.

De 1960 até 1980 as relações dos Tapirapé com a sociedade nacional foram dominadas pelo processo de recuperação e luta pelo reconhecimento legal de suas terras na barra do Tapirapé, ocupadas pelas fazendas. Durante mais de dez anos, os Tapirapé enfrentaram não só as pretensões territoriais ilegítimas dessas fazendas e de seus prepostos, como também de famílias regionais de condições modestas, muitas delas empregadas das fazendas invasoras, instaladas próximos ao morro do Cadete. Enfrentavam também a

declarada relutância da Funai em encaminhar o processo que envolvia interesses de poderosos empresários.

Na década de 70, em pleno regime militar, a política do Governo Federal, em especial do Ministério do Interior ao qual se ligava a Funai, enfatizava a necessidade de ocupação empresarial da Amazônia. Os Tapirapé receberam, no clímax das tensas negociações com o Governo Federal e a Funai, o apoio da Prelazia de São Félix do Araguaia, através de seu bispo D. Pedro Casaldaliga, da Igreja Católica e de numerosas entidades civis do Brasil e do exterior, que exigiam o cumprimento da Constituição pelo Governo Federal. O padre Francisco Jentel, expulso do país pelo governo militar, ainda é lembrado pelo apoio dado aos Tapirapé e aos moradores de Santa Terezinha.

Mesmo com a oposição da Funai, os Tapirapé conseguiram as terras que pleiteavam, através do reconhecimento oficial, em 1982, da picada demarcatória que haviam feito entre 1977 e 1978. Finalmente, o Diário Oficial da União de 24.03.83, traz o decreto nº 88.194 de 23.03.83, assinado pelo presidente João Figueiredo, homologando a demarcação da Área Indígena Tapirapé/ Karajá, feita segundo a portaria 1.203/E de 29.09.82. Essa terra, registrada em cartório da região, cumpriu todos os trâmites legais e está

regularizada. A Funai organizou, em 1983, a retirada das famílias de posseiros instaladas no morro do Cadete.

A demarcação dessa área, no entanto, deixou de fora a área do Urubu Branco. A partir de 1990 o grupo partiu de forma ativa para a recuperação do restante de seu território.

Os Tapirapé, hoje, já conhecem muita coisa do sociedade dos brancos: existe um vereador Tapirapé na Câmara Municipal de Santa Teresinha, eleito com os votos da comunidade, a maioria dos adultos sabe ler e escrever, e há décadas fazem negócios envolvendo artesanato, compra e venda de gêneros agrícolas e compra de produtos pelo reembolso postal...

De volta para o Urubu Branco

Daqui para frente, vocês já conhecem a história. Cansados de esperar providências por parte da Funai, sessenta e dois Tapirapé em 20 de novembro de 1993, ocuparam o retiro de uma fazenda e reocuparam a aldeia Tapi'itawa. Hoje a população de Tapi'itawa já soma noventa e três pessoas. Em 1994, a presidência da Funai aprovou o relatório produzido por um grupo de trabalho que definiu a Área Indígena Urubu Branco, conforme proposta dos Tapirapé. Em outubro de 1996 o Ministro da Justiça, Nelson Jobim, assinou a

portaria 599 que declara essa Área Indígena como sendo de posse permanente dos Tapirapé.

O que falta ainda? Demarcar fisicamente a área, retirar os ocupantes, indenizar as benfeitorias de boa-fé etc. Falta muito para a homologação definitiva em nome do grupo. Mas os Tapirapé são pacientes, e com determinação vão tocando o barco no seu ritmo. Já fizeram uma vez e acreditam poder fazer de novo.

Hoje existem quase 380 Tapirapé. Tapi'itawa, aos pés da serra imponente, foi refeita no estilo tradicional: um círculo de casas. Já estão planejando as festas para a construção da *takara*, a casa dos homens.

A história do ponto de vista Tapirapé

Três conjuntos de mitos abordam a implantação dos Tapirapé nas terras onde vivem atualmente. O primeiro deles fala da dispersão dos povos falantes de língua Tupi-Guarani na região dos rios Araguaia, Xingú e Tocantins. Essa dispersão teria ocorrido na travessia do *Paranaxigoo*, "grande rio" ou "mar", que poderíamos imaginar ser o baixo rio Tocantins em 1600, ou mesmo em data anterior. Nessa travessia os Tapirapé teriam se separado dos

Asurini, Parakanã, Suruí etc. Esse conjunto de mitos de origem acham-se aqui representados pela *Xakarepera Parageta*.

O segundo conjunto de mitos aborda a destruição dos Tapirapé pelo fogo, devido a infrações cometidas na representação e relação com seus ancestrais e outros seres cosmológicos. Esses mitos nos conduzem ao início de 1800, quando viviam na Ilha do Bananal, do outro lado do Araguaia.

O terceiro conjunto fala da implantação dos Tapirapé na serra do Urubu Branco, liderados por Xowawi'i, e corresponde aproximadamente à época de 1850. Sob a liderança desse chefe os Tapirapé fundaram, pela ordem, as seguintes aldeias: Kanine'ytawa (aldeia da arara), Tokynookwatawa (aldeia do tucano), Xakarewatawa (aldeia do jacaré), I'axoratawa (aldeia onde se viu o pênis dos brancos), Ipirakwaritawa (aldeia do peixe Ipirakwari) e Takarookywetawa (aldeia da grande takara, casa dos homens). Estas seriam as primeiras aldeias dos Tapirapé na região.

Os Tapirapé enumeram, com facilidade, cerca de trinta aldeias em que viveram nos últimos 150 anos na região do Urubu Branco. É difícil estabelecer seu número exato. O mais correto seria considerar a região como local de um conjunto de aldeamentos, que iam sendo ocupados ou abandonados segundo a conjugação de

muitos fatores, tais como: casamentos ou brigas de famílias, acusações de feitiçarias e execuções de *paxe*, incompatibilidades de lideranças, ataques de Kayapó, aumento ou declínio da produtividade das roças, da caça etc.

As histórias reunidas nesse livro correspondem, na sua maioria, a um período que vai de 1850 a 1970, e englobam esse terceiro conjunto de mitos. São mais recentes, e os fatos relatados receberam um tratamento mais "histórico" que "mitológico". O que isso quer dizer? Significa que os personagens que aparecem pertencem à história recente; são funcionários do S.P.I., missionários, Karajá vizinhos, e não os seres mitológicos e fantásticos mencionados nos primeiros conjuntos de mitos.

Relatam o espantoso contato estabelecido recentemente com outros povos e a saída, ou expulsão, desse povo, do fundo de suas florestas, para o beiradão do Araguaia.

O registro das histórias que os mais velhos contaram e os jovens escreveram e ilustraram está pronto. Nossa expectativa é que ele vá ao encontro das preocupações expressas por Kamoriwa'i, professor Tapirapé, durante o Encontro de Professores Indígenas realizado em Merure, MT, em setembro de 1993:

"Os brancos não perdem sua língua nem as coisas de sua tradição porque fazem muitos livros. É por isso que nós temos que fazer nossos próprios livros, na nossa língua e não ficar usando o livro do branco!"

Com vocês, *Xanetawa Parageta!*

São Paulo, novembro de 1996.

André A. Toral

Eunice Dias de Paula

Luiz Gouvêa de Paula

Paula Pinto e Silva

XAKAREPERA PARAGETA

- Xi'yaawii mo na, e'i ro'o, marygato mo ta'e xi'yaawii. Marygato mo na xi'yaawii e'i ro'o.
- Xi'yaap, e'i ro'o, xi'yaap, ie ekwe axe'eg wetotyra xywa re, e'i ro'o maxi'y we. Ie ekwe axe'eg wetotyra xywa re, e'i ro'o.
- Axe tana ke, axe tana ke pema'ejxee wi axaee ne, quanto ekwe akopaxiwara agy mo ima'e axaee, a'eramo ekwe xikaxym, e'i ro'o, aak ekwe xanewe ka maxi'y xywa e'i ro'o. A'eramo ro'o pema'ejxeewi axaee ne, 'awa pa ke 'awo aka akopaxi ramo, e'i ro'o. A'e ro'o aakopaxi wi axe'aywyk 'yna, wi ro'o akoma'e ix'e'aywyki 'yna. 'A ro'o i'yaawi gy 'yna. I'yaawi gy 'yna.
- A'e Xakareperi we pane ro'o aty ix'e'egi:
- Ere exata, ke'e! e'i ro'o.
- Ere, eawo.
- Ne, e'i ro'o, ekwe aa, e'i ro'o.
- A'yaapa gy 'yna, xa apapawatat pane ro'o gy 'ota, xa 'a ro'o ima'e axaee akopaxiwara.
- Tak, aak ro'o ixope.
- Xa pane, xikaxym, e'i ro'o.
- Typywyk ro'o aawo gy, axaj'awixewo axaee. Ma'ema'e xoro pe xe, toparawa xoro pe xe, xakareo xoro pe xe, mi ypyiapiara ro'o raka'e a'o gy. A'e ro'o raka'e gy rowiawera ka ypyiara amakaxymoo

awota ipype. Kwe ro'o raka'e amo reawera iao akawo, apat hewe ro'o raka'e emi'okowera py'yna.

Axaj'awo aawo 'opa gy yywyripe, weta agy re.

Ate ro'o ia gy, ate tajpe. Axaj'awo aawo 'opa gy tawa pe.

Yywyra ropi akawixewo'i xaneraoj'i ahytajxewo'i. Marygato mo na a'yaawii axawo. Xa ewi tana ro'o, xakarea'yra iwori 'ota.

Wak, koon-koon, kokokon, kokokon.

- 'A xeraoj, e'i ro'o, xeraojay'ri, e'i ro'o, 'awa ramo ekawa mo pa'e xerera'yaawii xepe wa, xeraojay'ri? e'i ro'o.

- Kookon, kookon, kookon, kookon, e'i ro'o epa'axewe 'eramo.

Xom axepymiwo'i, kwe aawo wowa gaty, 'awa 'a aka axawo. 'Awa ramo ekawamo pa'e xerera'yaawi xepe, wa axawo kwi! e'i ro'o.

- 'Awa ta ke, e'i ro'o.

- Ere mi tajxaki ne! e'i ro'o.

- Ere na mi 'ota iexaka, e'i ro'o.

'Eramo ro'o ia ikaty.

Waak ! aworoho ro'o 'ota xakareo, towa.

- Ao ta'e ix'e'egi neope ra'e? E'i ro'o ixope.

- 'A raka ix'e'egi xewe kwi!

- 'Awa ta'awo pa, awa ramo ekawa mo pa xerera'yaam xepe e'i epega we? e'i ro'o.

- Ie kwi! e'i ro'o. Exat, tarawera'yaawine, e'i ro'o.

- A'e pa ekwe xerera'yaawixe'i xepe, wa? e'i ro'o.

- Taaryn! e'i ro'o, arawera'yaawixe ekwe, e'i ro'o.

Eere axeko'akwata wekwawa pe, tyyk. Wekwaywera pe xe
ixiwayma axeope. Axemaape ro'o ixope, axemawota.

Waaaaaak !, ho'o awokatoho ro'o.

- Exat ewi xeaxorypy re, e'i ro'o ixope.

Wytotok, wytyy wekwayma pe xe ixiwayma axeope.

Myo, myo, myo, myo, werayj ro'o iropa.

Xa epe ypyteretepe ro'o iraa.

- Xeramoj, ere xeope, e'i ro'o. Kaxigoo ere xeope, e'i ro'o ixope. Ere
xeope iapin, e'i ro'o ixope. Kaxigoo ere xeope iapin, e'i ro'o.

- Ma'eramo pa'e, myga mo pa'e nekaxiga akome'o'i neope wa! e'i
ro'o. Nepiepie'i kwi, xeramoj, e'i ro'o ixope. Myga nekaxiga mo pa
akome'o'i newe wa? e'i ro'o. Nepiepie'i kwi, xeramoj, e'i ro'o.

Myo, myo, myo, myo, myo, myo, xa epe ro'o rano.

- Ekorap xerapepira xewi, e'i ro'o: Tapepikorowoo ere xeope, e'i
ro'o, iaipin, e'i ro'o ixope.

- Myga mo pa akorawi newi wa, e'i ro'o ixope. Nerapepiyiyimi
kwi, e'i ro'o ixope. Nerapepiymejxe'i kwi, e'i ro'o ixope.

Myo, myo, myo myo, myo, myo, myo, xa epe ro'o rano.

- Atowakorowoo ere xeope, e'i ro'o ixope.

- Ani, kwi, e'i ma'e mo pa akorawi newi wa, e'i ro'o ixope.

Ne'atoahyhymi kwi, e'i ro'o ipiypiypa i'atoa, ne'atoahyhymi kwi, e'i
ro'o.

A'e wi ro'o iraata rano:

Myo, myo, myo, myo, myo, myo, epe ro'o ia axe'ega ixope rano.

- Apekorowoo ere xeope kwi iapin, e'i ro'o ixope.

- Ma'eramo pa neapekorowa akome'o'i, myga neapekorowa mo pa
akome'o'i newe wa, e'i ro'o. Neapehyhymejxe'i kwi, e'i ro'o ixope.

- Axe, e'i ro'o.

Iraatao rano, 'a ro'o rano:

- Tapepirawyroo ere xeope, e'i ro'o, iapin, e'i ro'o ixope.

- Myga nerapepirawyra mo pa'e akome'o'i neope wa, e'i ro'o ixope.

Nerapepiwywyki kwi, e'i ro'o ixope, nerapepihyhymejxe'i kwi, e'i
ro'o ixope.

- Axe, e'i ro'o.

Weraata ro'o rano, pe ro'o ix'e'egi irawo ixope rano.

-Tapepikorowoo ere xeope iapin, e'i ro'o ixope.

-Myga nerapepikorowa mo pa akome'o'i newe wa, e'i ro'o ixope.

Nerapepihyhymejxe'i kwi, e'i ro'o ixope, nerapepihyhymejxe'i, e'i
ro'o ixope.

- Axe, e'i ro'o.

Kajxe ro'o yywyr, iraa, iraa, iraa, iraa, iraa. Xa aa ro'o ka
yywyr repexynam, xa 'a ro'o xixepepyroo ere xeope, e'i ro'o.

- Nexixepepyri mo pa'e wa, e'i ro'o. Nexiyhymejxe'i kwi, e'i ro'o.

Nexiawaaroaro'i kwi, e'i ro'o ixope.

- Axe, e'i ro'o.

A'ewi aawo, aawo, aawo, aawo axaweraa ro'o ekwe ywyr xera'ara
raky re, ma'e xera'are'yma ta'e mi yywyr re 'ota ywyr raky, ka
hewi ypytera ropi.

Xa 'a ro'o ix'e'egi ixope.
- Apekorowoo ere xeope, e'i ro'o ixope.
Pok! apyyk ro'o ka ywyr'aaky.
-Apekorowoo, e'i ro'o ixope. Ny axemaaxyna ka ypytera, yypy katy ee.
Wip; naryg:
Tatatatatatatatat, 'ota.
Wytotok, pyk ahyta 'opa gy rakykwera ropi, ahyta 'opa gy rakykwera ropi, gy rakykwera.
Waaaaaak, aworoho ro'o xakare 'ota.
-Oore, aa pa xewi pa, axawo.
Xaarat, apat ro'o, imahyta 'opa akykwera ropi.
'A ro'o mawari we itori awaema.
- Xetotyt, e'i ro'o ixope, xemokonapy xepe kwi, e'i ro'o ixope.
Xakare xe'owej xererekawo, axawo.
A'eramo xe imokoni.
Koon, eere akarawa'a i'arimo, kon, kon, kon, 'a ira'yma a'aja pe.
Eewi xe ro'o.
Wiiip, ho'o.
- Nori pa 'awo xeremiara kwi, e'i ro'o.
- Yni, najxaki! e'i ro'o.
'Awo, akaj itori xeremiara kwi, e'i ro'o.
- Ere'o 'a ra'e? e'i ro'o ixope.
- Yni, akarawa'a xe raka'a ie a'ojxe'ii rano, e'i ro'o.

- My ta'e ramo, e'i ro'o, a'eramo ro'o apa, e'yxewyt na mi xewe.
A'eramo ro'o i'yxewyri.
Xom, xom, xom, eewi akarawa'a, xa, e'i ro'o.
- Xa axe!
- Epeo ke mamogaty ia newi kwi, e'i ro'o.
A'eramowe ro'o i'yxewyri rano. Kwe ia ramowe.
Xooooom, jaaaaa, a'ega. Ayta 'yjxe ro'o 'y pe i'ari aawo axeeta aawo'yna, mawari xomi'ayawera ieta axewi. Kwe aawo, ahyta 'opa, ayta 'opa, ayta opa, ayta. Xa wi ro'o iwaemi aawo kororoo we.
Oore, yme py tamo akerii e'i ro'o. Aawo axekwaxiwo kororo xywa re.
Tyk, kakaty tyy, eere a'yakyata'i akawo. Y aketa 'yna.
A'e ro'o raka'e tataxina aeako'oko'o imaina kororo. Ewi tana ro'o aymam ixope.
- Kakaty wewaka, Paranyxigoo katy wewaka, e'i ro'o.
Wytotok, weraxemamat ro'o.
- Oore, ma'e pewaroo re pa'e 'y axarii wexekwaxio ra'e pa e'i ro'o.
Taneme irapa wekwawa ixywawi, kwekaty.
Totok, totok, totok, tepoo a'aroho ro'o aawo Paranyxigoo pe.
Oore kororoo pa pa axawo.
A'e wi ahyta 'opa, ahyta 'opa, wi ro'o ikeri 'ota, inatao ypype.
- Pipipipipin, nao'o'ojxej 'awa xeapinera, e'i ro'o.
Oore, ma'e pa, axekakii pytamo re axawo. Ere ro'o inatao akojta 'yna. I'owo aawo 'yna. 'Aaa mo ixxyga axewe, ka 'ota.

Ka 'ota aatawo, aatawo, aatawo, aatawo, aatawo, aatawo, aatawo,
wi ro'o itori tate'i ypype aketa.

Axeiwe:

- Pipipipipin, nao'o'ojxe'i 'awa xeretyweri, e'i ro'o.

Oore, ma'e pa pa 'yme pa, e'i ro'o, ere ro'o tate'i, itate'i apinera pe
wara xiawa, ixiawakwara ropi akojyro 'yna.

Oore, xak ikawo iapinera, eewi iekyta tate'i retyma. I'owo 'yna. Ka
irota, iyrowaxyga 'a irota.

A'e wi 'ota wi kara pe.

- Pipipipipin, nao'o'ojxeji 'awa xeremakweri, e'i ro'o.

Oore, ma'e pa pa 'yme rano pa axawo. Ere i'aka, eewi, ieyta'i irota
iryne i'owo'i. Ipeywaxyga ka irota.

'Ota, 'ota, 'ota, 'ota, 'ota, 'ota, 'ota, 'ota, 'ota, 'ota, 'otaaaaaaaa... Pe
awaema tato we, ere ro'o i'aka akawo amonowi.

- Oore, monowi pa 'a ere'ak ekawo?

- Hyy! Naymej pa mo newe, e'i ro'o.

- Eyme mo xewe, e'i ro'o, eramo ro'o iyime ewa'i. 'A ewa'i iymewo.

Axejwe 'ota, pe awaema xeroxi we. Xa epe xowe monowi ete
rerekwara.

- Oore, xetotyt, monowi re pa 'a ereka? e'i ro'o.

- Hyy! e'i ro'o, monowi 'a a'iak wekawo, e'i ro'o. Ho'o monowi.

- Nere'oj pa amo?

- Kwe amo a'o! e'i ro'o.

A'eramo ro'o iyime monowi axewe, 'a xakope ixgya. A'e ro'o werot
wi iraketa iryna.

Xa axejwe xowe ro'o apa, axejwe xowe ro'o ka'i we iwaemi.

- Kiiiiii, kiiiiikikikikikiiii, ma'e xawerekaxyxyxy ta'e.

- 'A, ore, ane pa wa? e'i ro'o ixope.

- Hyy, ie ka axat wekawo kwi! e'i ro'o ixope.

- My pa'e rakwee gy ia xewi wa? e'i ro'o ixope.

- Ka kwee ia kwi, e'i ro'o, ka kwee ia gy newi kwi! e'i ro'o. Ka ia,
ka ia, ka iaiaaaa... Itakoropetyetywa ropi xerakoj apiraperape, e'i
ro'o.

- Haaaahaha, axaj ro'o ka'i.

- Pekome'o kato xewe kwi, e'i ro'o ixope.

- Era ta pa arakome'oajp newe, e'i ro'o. Ka pe, e'i ro'o.

Ka ia pe, ka ia pe, ka ia pe, pe itakoropetyetywa ropi xerakoj
apiraperape, e'i ro'o.

- Pekome'o kato'ii xewe kwi, e'i ro'o.

- Era pa arakome'oajp wa, e'i ro'o. Ekwe ropi ea, e'i ro'o, kwe aawo
ixowi.

- Haaahaha, axaj ro'o aawo.

Hyy, kwe aawo akawo, xa ewi xe ro'o awaxigoo'i ma'e.

- Kokokokon.

- Oore xetotyt, ane pa ekwe wa? e'i ro'o ixope.

- Hyy, ie ka axat wekawo!

- Pa pa ia gy wa? e'i ro'o.

- Ekwe ia! e'i ro'o.

- My pa pe wa? e'i ro'o.

- Ari, ka pe wa! e'i ro'o.

A'e ro'o 'a ainop aawo 'opa eta agy.

-Ka pe kwi, e'i ro'o. Ka akaj pe iaaaaa, axenowoo epa tawa pyteripe pa i'ymi xapoo, e'i ro'o.

Xiwoxiwoo, e'i ro'o, xixixixin xa ajpaga ropi ea, tajpe pa i'ymi, e'i ro'o.

Hy'y, epa ikome'o ixope kwi ! e'i ro'o aawo 'opa eta agy.

Ka pe, e'i ro'o.

A'etepe ta'e ka pe e'i xewe nereta agy, e'i ro'o.

Pa'iixe newe, ka pe, e'i ro'o. Epa tawa pyteripe pa xapoo i'yme, e'i ro'o.

- Xa axe! e'i ro'o.

Aawo, ahawo, ahawo, ahawo, ahawo, ahawo, ahawo pe aapyakawo xapoo xe'ega re.

Totok, totok, totok, totok, ino'a xapype.

Oore axewara pa akome'o'ii xewe ra'e pa e'i ro'o. A'e ro'o aa, aha, aha,aha, ahaaa..., wiip 'awa ropi kate raka'e ke ipari aawo.

- 'Aa, ka itori akawo xaneramoji, e'i raka'e.

- Ma'epe pa'e ere'yaam wa? e'i ro'o.

- Ma'epe mo pa wa, xakare xerere'yaap, kwi! e'i ro'o.

Weryma, xakarepera xawyma.

- Axe pa'e.

Paxe nemema itori, paxe.

Waty rewekooexiexi pe epe ia awaema.

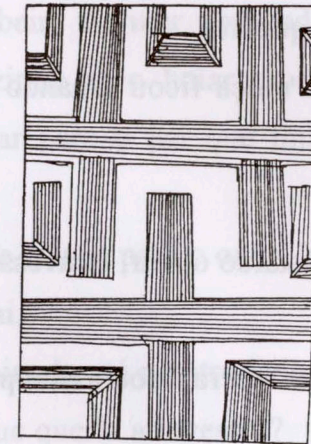
- 'Aoxe, pa itori, 'aoxe pa itori.

Mooooo, ayj ro'o gy ixope. Axaj'awo.

- Axe e'i ro'o, axarii wekawo kwi, e'i ro'o.

Ka pe ropi wara agy he tana ka xemorakarii kwi, e'i ro'o. Ka pe ikome'owo xeope, e'i ro'o.

- Axe, e'i. Axe erexat kwi, e'i ro'o ixope.



HISTÓRIA DO XAKAREPERA

Antigamente os Tapirapé moravam no outro lado do mar. Eles moravam perto dos "americanos". Os nossos pais estavam procurando uma outra terra melhor para viver. Então o pessoal falou para o Xakarepera, o capitão deles:

- É bom nós atravessarmos o mar. Mas como podemos atravessar?
 - Vamos atravessar; vou pedir para o meu tio camarão esticar o braço para nós.
 - Só que os namorados não podem olhar um para o outro, senão acabamos tudo e a gente morre. Se alguém não acreditar e olhar, o braço do camarão vai quebrar.
- Foi por isso que uma moça ficou olhando para baixo e um rapaz também.

E o pessoal foi atravessando o mar, atravessando...

Então a esposa do Xakarepera falou assim para ele:

- Vamos atravessar.
- Não, pode ir que eu vou atrás.

O pessoal foi atravessando. Quando foi no final, os dois namorados olharam um para o outro e, de repente, quebrou o braço do camarão e eles falaram:

- Pronto, agora nós vamos morrer.

Morreu um bocado de pessoas. Quem já tinha saído chorava. Os bichos da água, os tubarões e os jacarés aproveitavam as pessoas.

Um bicho engoliu uma pessoa grande e morreu também, porque a pessoa ficou inchando na barriga dele. Morreu um bocado de bicho também.

As pessoas que não morreram foram embora para a aldeia, e lá ficaram chorando porque estavam com saudades do pessoal que morreu.

Nosso avô estava na beira do mar pensando em como atravessar também. Aí o jacarezinho veio boiar, koon, koon, koon, koon. Mergulhou e foi contar para o pai que tinha gente na beira que falava assim:

- Se você fosse bom, me levava para o outro lado.
- Quem será? disse o pai.
- Deixe eu ver. E foi boiando até o outro lado.
- Quem foi que falou que queria atravessar?
- Fui eu, respondeu nosso avô.
- Vem cá que eu te levo.
- Será que você vai me levar bem?
- Sim, eu te levo bem.

Então ele tirou uma corda da rede para amarrar no nariz do jacaré e subiu nas costas dele. Myo, myo, myo, myo, xooooo, a água bate no nariz. Myo, myo, myo, myo, foi levando ele.

Quando estavam bem no meio do caminho, o jacaré falou:

-Vovô, me diz que eu tenho cheiro ruim.

-Não, eu não vou falar isto para você. O seu cheiro é bom.

Myo, myo, myo, myo, lá ele falou de novo:

-Me xinga assim: ô jacaré das sombrancelhas ruguentas!

-Que é isso; você é todo lisinho e bonito.

Myo, myo, myo, myo, falou de novo:

-Fala assim para mim: ô jacaré da nuca áspera!

-Não pode, porque eu vou xingar você? e passou a mão nas costas dele.

Myo, myo, myo, myo, myo, o jacaré falou de novo:

-Me xinga assim: ô jacaré das costas empoladas!

-Não, rapaz. As tuas costas são lisinhas e eu não vou te dizer estas coisas.

-Então tá bom. E seguiu em frente.

O jacaré falou de novo:

-Me fala que eu tenho olhos grandes.

-Mas porque que eu vou xingar você? Seu olho é tão pequenininho.

-Então tá. E continuou a nadar para frente e falou de novo:

-Agora você vai falar assim: ô jacaré das sombrancelhas ruguentas!

-Mas rapaz, teu olho é liso, diz o Xakarepera para ele.

-Então tá bom, diz o jacaré.

Estavam quase chegando quando ele falou mais uma vez:

-Me xinga de nariz torto.

-Seu nariz não é torto; você tem o nariz bonito.

-Que beleza, ele respondeu.

Foram indo até encostar num galho de pau na beira do rio. Lá ele falou:

-Me xinga assim: ô jacaré das costas empoladas!

O Xakarepera segurou no galho do pau e falou: ô jacaré das costas empoladas. Quando falou isso, pisou nas costas do jacaré e empurrou para o fundo. Tatatatata!, ele desceu do pau e correu para a estrada. O jacaré boiou e pensou: Será que ele foi embora? Então, saiu da água e correu atrás.

O Xakarepera encontrou um manguari e falou:

-Ô tio, me engole pois o jacaré está querendo me matar.

Aí o manguari engoliu ele e uns peixinhos.

Pouco tempo se passou e o jacaré chegou e perguntou:

-O homem passou por aqui?

-Não, eu não vi.

-Mas ele veio para cá. Você não engoliu ele?

-O que eu comi foram só uns peixinhos.

-Deixa eu ver.

E o manguari vomitou só os peixinhos.

-Tá bom, disse o jacaré.

Quando o jacaré saiu, ele vomitou o homem que tinha engolido. O homem saiu correndo e foi se lavar no rio e encontrou o sapo. E pensou:

-Vou dormir aqui mesmo; e armou a rede no braço do sapo. Pegou lenha, fez uma fogueira para se esquentar e dormiu. O sapo não aguentou mais a fumaça, virou para o lado do mar e pulou.

Xakarepera acordou assustado, tirou a rede que estava armada e o sapo foi pulando até chegar no mar. Xakarepera correu e correu até escurecer. Armou sua rede de novo lá onde tinha um pé de inajá.

-Pipipin, alguém vai querer inajá? E quando foi olhar, a fruta tinha caído e ele comeu.

EnSacou um pouco dela e trouxe. Continuou andando até escurecer e dormiu perto de onde tinha jataí. Quando foi amanhecendo, a jataí disse:

-Pipipipin, alguém vai querer chupar mel?

E foi olhar, era a jataí. Essa abelha fica no crâneo velho de gente e sai pelo buraco do nariz. Lá mesmo ele rachou aquele crâneo e trouxe o mel que tinha dentro.

Depois disto, ele veio e parou perto do cará.

-Alguém não vai querer cará?

-O que será isto?, ele pensou. Foi ver e era o cará. Tirou, acendeu o fogo, assou e comeu.

Depois de comer, foi, foi, foi, e encontrou com o tatu. O tatu estava tirando amendoim.

-Você está tirando amendoim?

-Sim, você não quer comer, não?

-Eu quero. Mas não era amendoim, era só minhoca.

Depois encontrou com o sabiá.

-Ô tio, você está tirando amendoim?

-É, eu estou tirando amendoim.

-Você não quer comer, não?

-Eu vou querer.

E o sabiá deu amendoim para ele comer e levar.

Ele foi andando e encontrou com os macacos.

-Kiiiio, kikikiiiiikiii; eram os macacos brincando.

-Sou eu que estou vindo, disse o Xakarepera. O pessoal passou por onde?

-O pessoal foi nesta estrada, que vai longe, lá onde tem muito cascalho, na estrada da pele do meu pênis!, e os macacos deram muita risada.

-Me conta direito, rapaz.

-Estamos contando bem para você.

Xakarepera foi embora e os macacos continuaram rindo. Na sua andança, Xakarepera encontrou com o macaco de cabelo branco, que lhe perguntou:

-É você, tio?

-Sou eu quem está vindo. O pessoal passou por aqui?

-Sim, eles passaram.

-Cadê a estrada?

-A estrada é aqui. Lá no meio da aldeia é que está chorando aquele reongo. Pode ir no rumo do choro do pássaro.

Xakarepera percebeu que os outros macacos tinham pregado uma mentira nele. Tudo bem. Foi então escutar em que direção estava chorando o reongo. Quando parou, escutou a mulherada pisando.

-Nosso avô está vindo, disse o pessoal.

-Como você atravessou?

-Foi o jacaré que me trouxe. Por isso ele era chamado de Xakarepera, pois foi o jacaré que atravessou ele.

Falaram para a mulher dele que ele estava chegando.

E quando ele chegou lá, a esposa estava grávida.

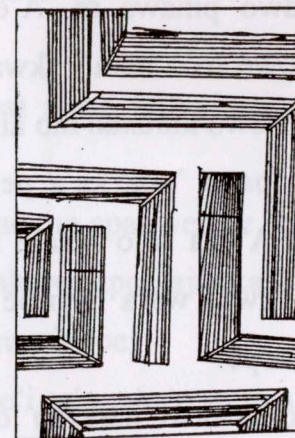
Uns foram contando aos outros que ele estava chegando:

-Ele está chegando.

-É, eu estou chegando.

Os bichos da estrada ajudaram ele chegar até aqui.

-Ainda bem que você chegou, disse o pessoal para o Xakarepera!



KARAXAO PARAGETA

I'ypy ramo ro'o raka'e mi gy i'o xawaxio kawa matawa mo. Opi'a ro'o raka'e mi amako'e matawa mo i'owo kara pe. A'e ra ro'o raka'e aty ixé'egi amena we imorakamatata pinawa mo amemyra agy we. Axepikytkawamo. A'e ro'o raka'e imena nipireweri pane 'opa. A'era ro'o raka'e ixé'egi waty we.

_ Axe, pai, e'i ro'o raka'e, naxepireweroo 'y wepaka, e'i ro'o raka'e waty we.

A'e pewo ke ekwe xepirewet weawo pe ropi, e'i ro'o raka'e waty we. A'e ramo ro'o raka'e ipirewere'yima ia pinawa gaty.

Aa ro'o raka'e akewo pinawa tywipe. A'e ypy ro'o raka'e aa ywira re. A'e re xowe ro'o raka'e irori ywira ikwata apyre. A'e re xowe ro'o raka'e ixoopiri aawo pinawa re. A'e ro'o raka'e karaxao awaem ixope. A'e re xowe ro'o raka'e ikwari pinawa rara 'ywate 'yna. A'e ro'o raka'e, xepewo karaxao mo ainop ipapo ka'a pe. A'e karaxao ainop akoma'e papo 'opa ka'a pe. A'e ro'o raka'e aka xanemo karaxao rewiri. A'ega ro'o raka'e aa axe'ega ixope. A'e ro'o raka'e aa karaxao rewiri wara iwyripe axe'ega ixope a'yima. A'e ro'o raka'e axe'eg ixope:

_ Exat exypa ixowi, nexoka ekwe karaxao 'ota, kwi, e'i ro'o raka'e ixope karaxao rewiri wara.

Xane mo ro'o raka'e aka ewiri. A'e ro'o raka'e axyp 'ota akoma'e pinawa'ywa wi. A'e ro'o raka'e:

_ Ma'e pa wa, e'i ro'o raka'e 'ota a'yima axe'ega karaxao rewiri wara we. A'e ro'o raka'e:

_ Ea ixowi, e'i ro'o raka'e ixope. A'e ramo ro'o raka'e itori ayjta tawa gaty, pinawa gaty aa ma'e kwera. Awaem ro'o raka'e 'ota axyjme.

A'e pewe ro'o raka'e itori 'yna axepiry'ajmagewo. Ate ro'o raka'e ike pawí ixowi ipiry'aja. A'e ro'o raka'e axe'eg 'ota waty we;

_ Axarixe pinawa wi, e'i ro'o raka'e. Ekaro, e'i ro'o raka'e waty we.

A'e ro'o raka'e imena axe'eg weta agy we. A'e ramo ro'o raka'e eta agy ipyyki 'opa o'ywa. A'e ro'o raka'e koxywera agy axe'exe'eg axaopeope: _ Ma'ema'e ro'o ekwe werot xanewe, e'i ro'o raka'e aty agy 'opa. A'e kwere 'yima mo we ro'o raka'e karaxao itori axata tawa rawaxara re. A'e ro'o raka'e kwewera nakwaawi 'opa.

A'e ro'o raka'e apapat aawo taipe karaxao akaxyma ro'o raka'e 'ota.

A'e ro'o raka'e karaxao mo apat wetepe hewe aawo.

A'egy ro'o raka'e aa akawo aporaajta ka'a ropi.

A'e ro'o axe'eg ikapitawa ixope:

_ Peporaaj ewi, kwi, e'i ro'o raka'e weta agy we. A'e ro'o raka'e aa wakykwera gaty rano.

Amowera agy ro'o raka'e mi akaxym aawo akawo pe ropi.

A'e ro'o raka'e mi apyapykixe ka'a rawa xowera pe. Eta agy, xanemayj ke 'awo axawo ro'o raka'e mi ka'a rawa xowera pe ixapykixe aawo akawo. Awaem ro'o raka'e 'ota karaxao agy atajpe.

A'e ro'o raka'e atykwera agy aixak amena agy :

_ Ekwe itori xanemena agy, e'i xe ro'o raka'e. A'era ro'o raka'e:

- Ekwe itori xanemena agy, pexepa pa pexexopai, e'i ro'o raka'e ixope amo. Akaxymap penowi pemena agy, he e'i ro'o raka'e ixope amowera agy mekwera.

A'era ro'o raka'e atykwera agy ixepikyxigi 'opa amena agy re.



HISTÓRIA DO KAYAPÓ

Dizem que antigamente se comia ovo de tartaruga com pirão. Até dizem que carne de tartaruga se comia com pirão e também comia óleo de tartaruga com pirão.

A mulher estava pedindo para mandar buscar bacaba, para tirar o óleo e passar no cabelo dela e no corpo. Mas dizem que o marido dela não queria ir buscar bacaba. Mas assim mesmo ele foi buscar. Primeiro dizem que ele fez uma peia de amarrar os pés, com embira, e depois ele foi subir no pé de bacaba. Ele estava cortando bacaba, mas os Kayapó pensavam que era macaco. Os Kayapó estavam escutando o barulho.

Junto com os Kayapó estava um Tapirapé raptado, que vivia com eles e que não se esqueceu de falar a nossa língua. Então, o homem que estava tirando bacaba tinha que descer logo e ir para a aldeia, mas ele estava com medo do outro, que pensava que era Kayapó. O Tapirapé falou para o que estava na árvore:

- Os Kayapó estão vindo na sua direção.

Então ele desceu, correu e parou na estrada imensa. Antigamente, as aldeias eram numerosas, imensas, mas foram exterminadas.

Dizem que os Kayapó estavam escutando o barulho lá na mata.

Esse Tapirapé que os Kayapó levaram estava contando que os Kayapó estavam vindo na direção do homem que foi buscar bacaba. Ele falou para ele descer logo porque os Kayapó já estavam chegando para ele. Então ele falou assim:

- Será que você não está querendo me matar, rapaz? Então eu vou descer.

E esse homem que vivia com os Kayapó falou mais uma vez para ele correr para sua taba.

Chegou na aldeia e a mulher dele falou para ele comer mais. Esse homem que foi atrás de bacaba não quis comer. Ele só quis a flecha dele e avisou todo o seu povo. Ele falou assim para o pessoal dele:

- Agora vocês podem arrumar suas flechas porque os Kayapó estão chegando para nós. Então a mulherada não escutou bem. A mulherada só escutou que os Kayapó iam trazer coisas para o pessoal.

Mas a notícia era de que Kayapó vinha atacar esse povo.

Então, os Kayapó atacaram o povo de Korowatawa. Tempos depois os Tapirapé mataram um Karajá chamado Maako e colocaram esse nome, Maakotawa. A aldeia era enorme como uma cidade e por isso os Kayapó foram brigar no outro lado da aldeia.

Kayapó sobrou só um pouquinho. Então os que sobraram foram cantar na mata e o chefe deles falou assim:

- Porque vocês estão cantando tão contentes? Vocês não viram que nosso povo morreu?

Então, os Kayapó voltaram para a sua aldeia. E também no caminho iam morrendo muitos Kayapó, e os companheiros deles enterravam só com folha velha caída no chão. Eles pensavam que o povo de Maakotawa estava vindo atrás deles.

Os Kayapó chegaram na sua aldeia. A mulherada dos Kayapó chorou bastante e falou assim:

- Lá vem nosso marido! Mas os maridos delas já tinham morrido.

Então, as mulheres dos Kayapó que morreram cortaram todo o cabelo delas.



MAAKOTAWA PARAGETA

Ipyy ramo ro'o raka'e tawa rera Korowatawa. A'e ro'o raka'e karaxa ypy apat aawo tajpe tawaxawaxaramamyrowo. Mokoj ro'o raka'e karaxa ypy. Axepe ro'o raka'e maira. Amo rera ro'o raka'e Maako, iiro ro'o raka'e Paxawari. Maira rera xowe narakwaawi.

Tajpe iparypy ramo ro'o raka'e ixoka Maako xawa. Paxawari xawa xowe ro'o raka'e apat ixowi. A'e Maako xoka ramo ro'o raka'e gy ixexe'egi axaope inoga tawa rera ramo. A'e ramo ro'o raka'e tawa rera Maakotawa. Maako xokaaweripe.

Axekwe ro'o raka'e Maakotawa agy mo ixaweraa wywyrane xexo re. Ipiara ropi ro'o raka'e imomoki axaweraawo xoparaira. A'e ro'o raka'e atykwat iraawo axaope yxe'e pe. Epe ro'o raka'e imaraowyn xepe axaweraawo.

Ytykwara axaope apapawire xowe ro'o raka'e ix'e'egi wywyrane we, pya apaawyma re.

- Axe, e'i ro'o raka'e tywyrane ixope.

- Ie xowe ekwe xerexemiyryma axoka imota, e'i ro'o raka'e ixope tyke'yra.

A'e ramo ro'o raka'e tywyrane iapa iryna pya, a'e tyke'yra xowe ro'o raka'e pe a'yexak aawo a'yma xexo re, ywy'yma re. Kwe ro'o raka'e ixawerori karaxao Warini we'yja renone.

Pya apaeryja ramowe ro'o raka'e ixawerawaemi axawerota ixope, axexowyawo axawerekawo ee axata. 'A xekwe ro'o raka'e imapeni

ywyrane mo, a'era ro'o raka'e nyn ima'e tyke'yra xexo re a'ymire, tyk! aixak ro'o raka'e wywyrane rekaara agy. 'A ro'o raka'e inoga xexo reawara, ipyyka temiara xokaawa, myryxiywi o'ywa. 'A ro'o raka'e axema'ekatowo a'yma wywyrane rekaara agy re. Axe tana ro'o raka'e ima'erygi a'yma karaxao re, xexo re na epe i'yimi te'i xewe re axawo. A'e gy ro'o raka'e 'a axe'eg akawo axaope rano:

- Eywo axawo pane airo we.

- Yni, e'i ro'o raka'e. Apyyk ie ekwe weawo xawara ramo, axawo, eywo ke ane, ie ipyyka ramowe, axawo airo we.

- Axe, e'i ro'o raka'e ixope iro. A'era ro'o raka'e inogi a'ywyrane, axe'aywyka 'ota ikaty. Ipyyoojxe aawo ro'o raka'e iyj ikaty, wip, werapyjt ro'o raka'e ywyyma tyke'yra rawa ropi, xoom! Aywo ro'o raka'e ipy'aapyrete pe ima'yxewyxewyta inoga. A'e ramowe ro'o raka'e ix'e'egi wywyrane we:

- Ere kwi, axawo, ma'e tawaxara mo 'a axoka, axawo pane ixope. A'e ro'o raka'e tywyrane itexiro 'yna.

_ Ere kwi, axawo pane ixope tyke'yra.

_ Yni, nakwaawi ro'o raka'e 'yna. A'e ramo ro'o raka'e tyke'yra imaxararaki i'owa ropi wo'ywaxi pe. A'e ramo ro'o raka'e ipari 'aripe. Pyk! axawerayta axawerakopa yekwawera ropi. Aa ro'o raka'e apajtyra wi, apya wi.

Axaweraa ro'o raka'e tawa we axawerawaema, ewi ro'o raka'e tyke'yra itexiro aawo wywyrane we.

Itexiroajpe ro'o raka'e ixenowi karaxao raemoka ixope. A'e ramo ro'o raka'e naygowi wyke'yra a'ega rano, nyn na raka a'ega xemamat 'aripe rano re axawo. Xiiiik! amaxararak ro'o raka'e a'ega rano, i'owa ropi rano.

'Y imamata a'ega wyke'yra 'aripe rano. Pyk! axawerayj ro'o raka'e rano, tawa rerawykajpe xowe ro'o raka'e ixepyto'aki aawo akopa. Kwe a'ere axawerawaema aawo akawo mawej tawa we, arekwaap rapa gy re axawo pane. Aoxetee ro'o raka'e ikwaawi iy ea hyhyjxe re. A'e ro'o raka'e aa imayta Maakotawa agy karaxao.

A'e ro'o raka'e aexak aawo gy karaxao xemoonawera, tywykwera, Maakotawa remixoka rywykwera. A'e ro'o raka'e ipa'yma ma'e agy 'ot awaema ka'emawa mo.

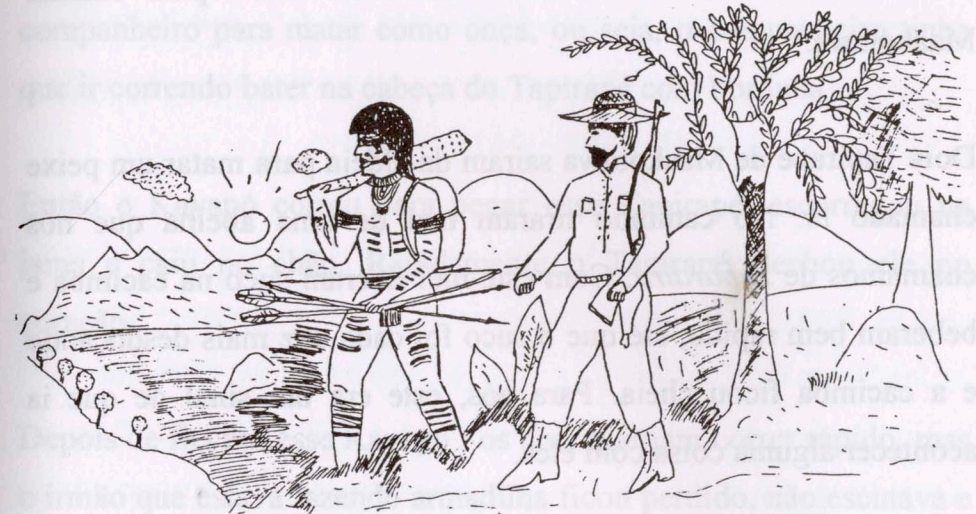
Maakotajpe aka ma'e agy ro'o raka'e axoka hewi paxewera. Paxe rera ro'o raka'e Tapi'aona, Toto'i rowa. Ikorera ro'o raka'e axamanyyk aawo Tapi'itawa pe. Epe ro'o raka'e ixatyari Maakotawa pe wara agy, Tapi'itawa pe aawo.

Axekwe ro'o raka'e ixamanyykire teka aryaryjpe ika, Maakotawa agy ro'o raka'e werot ma'ekato Tapi'itawa agy we. Exanami: Tapi'itajpe ro'o raka'e ika emi axywewoja, Irawore, Iraxa, Karaxa, Moro, Xawewyra, Akymoko.

Axekwe ro'o raka'e Maakotawa irori axepe Axywewoja mo, Xakowi. Axekwe ro'o raka'e 'a amo ramo, xyre'i'i xepikyigawa ro'o raka'e Maakotawa agy werot rano. Tapi'itajpe ro'o raka'e mi iapikyipawi. A'e Maakotawa xowe ro'o raka'e mi amaxapep.

Maakotawa agy mamapatata ro'o raka'e py ixoka ixowi paxewera agy. Xexotawa pe wara paxe ro'o raka'e mi axoka aawo Maakotawa paxe. Emi ro'o raka'e ixoka: Wararoape'i, Morawi.

Axekwe ro'o raka'e tajpe kapitawa Makapi, Awarao rowa. A'e tajpe paxe ro'o raka'e mokoj xe: Wararoape'i, Morawi. A'ekweripe ro'o natywi Maakotawa agy mo 'awo, axe tana ro'o 'a itowi tymyminokwera agy xe.



WARARUPE'I TAPIRAPE

A HISTÓRIA DE MAAKOTAWA

Antigamente o nome de Maakotawa era Korowatawa. Dois Karajá, Paxawari e Maako, estavam procurando os Tapirapé junto com um branco. Até que encontraram a aldeia Tapirapé de Korowatawa e ficaram um tempão lá. Mas como os de Korowatawa eram grandes guerreiros, não gostaram dos dois Karajá andando por lá e mataram Maako. Com sorte Paxawari escapou e veio embora. Depois que Maako foi morto, Korowatawa mudou de nome para chamar Maakotawa.

Dois Tapirapé de Maakotawa saíram da aldeia para matar um peixe chamado *iú*. No caminho tiraram mel de uma abelha que nós chamamos de *xopairira*. Com este mel fizeram suco na cacimba e beberam bem rápido, até que o suco foi cada vez mais desdoçando e a cacimba ficou cheia. Para nós, este era um sinal de que ia acontecer alguma coisa com eles.

Mas, eles continuaram o caminho até chegarem onde tinha muito *iú*. Quando chegaram, o irmão mais velho pediu para fazerem uma armadilha que chamamos de *pya*, e foi esperar *iú*. Ele queria matar este peixe para assar e comer no almoço.

Antes dele matar o peixe, chegaram dois Kayapó na frente dos outros companheiros. Os dois não ficaram sabendo se tinha mais Kayapó atrás deles. Só souberam quando escutaram um barulhinho perto deles. O irmão que estava preparando a armadilha não sabia dos Kayapó, só ficou sabendo quando o outro irmão que estava esperando *iú* em cima do barranco matou o Kayapó que veio pegar ele.

Para matar este Tapirapé, Kayapó pensou um modo e avisou seu companheiro para matar como onça, ou seja, o companheiro tinha que ir correndo bater na cabeça do Tapirapé com borduna.

Então o Kayapó correu para pegar esse Tapirapé, escorregou na lama e caiu no chão. Rapidamente o Tapirapé flechou ele no coração.

Depois de flechar esse Kayapó, os dois queriam correr rápido, mas o irmão que estava fazendo armadilha ficou perdido, não escutava e não conseguiu correr. Seu irmão mais velho tentou riscá-lo com a ponta da flecha mas percebeu que tinha mesmo perdido e correu bastante, deixando a armadilha e a farinha no cesto.

Os dois continuaram correndo bastante e os Kaiapó correndo atrás deles.

Com sorte eles chegaram na aldeia, mas sem o peixe e sem o cesto de farinha. A mãe percebeu que tinha acontecido alguma coisa com os dois, mas eles não quiseram contar o caso para ela.

Mas, com tanta pergunta de sua mãe preocupada, um deles contou que o irmão mais velho tinha matado um Kayapó. O pessoal saiu atrás dos Kayapó e, no caminho, encontraram o lugar onde eles se pintaram e esconderam o morto.

Os guerreiros de Maakotawa voltaram à meia-noite. Os guerreiros que estavam na aldeia ficaram sabendo da chegada pela imitação da raposa que eles vieram fazendo. Maakotawa era uma das aldeias Tapirapé mais valentes e eram todos guerreiros.

A maioria dos habitantes da aldeia Maakotawa foi morta pelo pajé que se chamava Tapi'aona, pai de Toto'i. Os que restaram juntaram-se ao povo de Tapi'itawa. Assim, as mulheres de Maakotawa se casaram com os homens de Tapi'itawa e o contrário também foi verdadeiro. Desta união veio muita surpresa boa, porque trouxe muita coisa que não havia nesta aldeia.

Na aldeia Tapi'itawa havia seis tipos de festas, que são: *Irawore*, *Iraxa*, *Karaxa*, *Moro*, *Xawewyra* e *Akymoko*. Na aldeia Maakotawa havia apenas uma festa que era *Xakowi*.

Uma coisa importante que Maakotawa trouxe foi a moda de tirar o cabelo do rapazinho, *xyre'i*. Na aldeia Tapi'itawa o pessoal raspava todo o cabelo do rapazinho, e na aldeia Maakotawa deixavam o restinho de cabelo em forma de chapéu. É por isto que o cabelo hoje é feito deste modo.

Antes de tudo isto, o pajé de Xexotawa matou os dois pajés de Maakotawa, Wararoape'i e Morawi, para depois acabar com os habitantes da aldeia.

O capitão da aldeia Maakotawa era Maakapi, pai de Awarao.

KA'IO PARAGETA

Maakotawa mo ro'o raka'e ta'yrat. A'e ro'o raka'e taxa:

- Te'i axeapawo, e'i ixope. A'e ramo ro'o raka'e ipitowi iryna. A'e ro'o raka'e gy a'apokaj axaope.

- Pe xe ka'i mo ximot kyy? axawo. A'e ramo ro'o raka'e ia ka'io katy. A'e ro'o raka'e myaopekato amaapyaka taxa.

- Ape'ywao xewi awajxakawyjme pa ka gy ia xewi ka'i katy ma'e. A'e ramo ro'o raka'e waty we ix'e'egi:

- Epi taa imota ka'i mo ney we nee, axawo. A'owej akaj ney ra'e. A'e ro'o raka'e pane namorakapatari aty. Aoxetee ro'o raka'e itori weta agy imayjta. Pe ro'o raka'e awaema 'ota ka'i we. A'e ro'o raka'e ka'i 'op paxi'ywoo re. Pe xe iywowo, e'i ro'o axaope. Ete pe ke peywoewi amo, e'i ro'o. Ikwaraiwa ma'e mo xe ekwe ete pe aywo, e'i ro'o. A'e ramo ro'o raka'e iywo 'opa ipa pe, inami pe, ea pe mi imama'ema'e pe xe ro'o raka'e iywo 'opa.

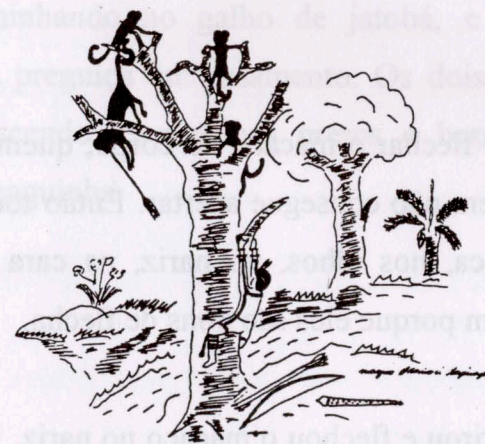
A'e ramo ro'o raka'e Myaopekato amo iywo, iapyja ropi, a'oxe tee ro'o raka'e na'ari 'ota. A'e we ro'o raka'e ixoopit patari pane akawo. Amotee mo eywo rano, kwi, axawo pane ixope irekawo. 'A ro'o raka'e ia axoopita ikaty. Kwe ro'o raka'e ka'i ayjta, ikaty iatywa re ipyyka. A'e ro'o raka'e axoka irekawo ka'i myaopekato 'ywate. A'e ro'o raka'e Myaopekato i'ari 'ota amanowo. Ka ro'o raka'e eta agy irota tawa gaty.

Myaopekato ka axoka ka'i axawo irota. 'A ro'o raka'e koxywera axe'ega axa ee. A'ega ro'o raka'e amanaakat. Wi ro'o raka'e ityma.

A'e ramo ro'o raka'e gy ia imakaxymapa ka'io. A'e ro'o raka'e axepe'i xe axemim kotatai mo. A'e ro'o ekwe temiamiara ropi aka wowa maraka kwaapara mamyrowo. 'A ro'o raka'e aawo awaema xigoo we. A'e xigoo ro'o raka'e akwaap ka'io maraka. A'e ramo ro'o raka'e xigoo ihyyhyj akawo tota'ywa raky ropi amarakawo. A'e ramo ro'o raka'e ka'io a'yra ix'e'egi ixope:

-Xerowa maraka kwaapara momona xerereka'i na'ej pa ka wekawo ka'i xigoo agy we. Xigoo pane ro'o raka'e aty. Aoxetee ro'o raka'e imaxeowi ka'io rano. Xigoo ra'yra ro'o na xe emi ka'io xiga ma'e.

KA'IO PARAGETA



HISTÓRIA DO MACACO

Nasceu o filho de um dos homens de Maakotawa. Então a sogra quis que ele se enfeitasse para sair. Ele se enfeitou e saiu. Na nossa vida, quando nasce um filho não podemos fazer nada; nem comer carne, só beber cauim.

Então a sogra estava vendo os outros saírem para matar macaco. E a sogra queria que o pai do nenê fosse junto matar macaco também. Mas a mulher dele não queria deixar ele ir junto. Porque nessa vida, o Myaopekato não era pra sair para lugar nenhum. Mas, como a sogra queria comer macaco, então ele foi e chegou lá junto onde estava o macaco, numa árvore muito alta. E todo mundo chegou lá conversando.

Ninguém pode flechar o macaco no corpo; quem flechar o macaco no corpo é quem não consegue acertar. Então todos eles flecharam macaco na boca, nos olhos, no nariz, na cara ou nos pés. Eles flecharam assim porque eles são bons de flecha.

Myaopekato atirou e flechou o macaco no nariz. Mas o macaco não caiu no chão. E o Myaopekato queria subir atrás, mas o pessoal não queria que ele subisse. Queriam que ele flechasse outro. Mesmo assim Myaopekato subiu e os macacos correram atrás, pegaram no

cabelo dele e ficaram batendo, mordendo ele em cima, até que Myaopekato escapuliu e caiu no chão morto. As pessoas trouxeram ele para a aldeia e todas as mulheres correram para chorar a morte de Myaopekato. As mulheres todas se zangaram com a sogra dele porque foi ela quem mandou ele ir. Depois que enterraram ele, de manhã cedinho, os de Maakotawa saíram para acabar com os macacos.

Os macacos acabaram mesmo e fugiu só uma macaquinha, que foi crescendo e andando pelo mundo inteiro procurando quem soubesse cantar igual ao pai dela, mas não conseguia achar. Até que se encontrou com a preguiça, e a preguiça sabia como cantava o guariba. A preguiça começou a cantar como guariba para a macaquinha, caminhando no galho de jatobá, e a macaquinha adorou e pediu a preguiça em casamento. Os dois se juntaram, e assim foram crescendo os macacos pretos e brancos, filhos da preguiça e da macaquinha.

IPIRAKWARITAWA PARAGETA

Ymyna ipira hy ro'o raka'e weraa inoga ekwe ropi. Maryn ro'o raka'e inogi epaga hera ramo. Paxewera ro'o raka'e werot ipira hy Belém wi.

Awi ro'o raka'e mi ia axetyroga epewo ipirakwaritajpe. Wetepe ro'o raka'e mi ia 'opa epewo rano axetyroga, ate ro'o raka'e ia tawa ywytyra re. Ipirakwaritawa wi ro'o raka'e ia Xakyrywatawa tajpe rano.

Axetyrog ro'o raka'e aawo Xakyrywatawa pe rano.

Aoxetee ro'o raka'e mi nyn tawa iwagate akawo. Takara ropi kate ro'o raka'e mi ipari 'ota kwara.

Kamaira'i ro'o raka'e aka kapitawa ramo Ipirakwaritajpe.

Xako'iapari ne ro'o raka'e ika kapitawa ramo Ipirakwaritajpe.

Maapyyt ro'o raka'e ika paxe Ipirakwaritajpe. Paxewera ro'o raka'e aka emi! Wataramy, Kamairao, Arakae.

Ipirakwaritawa pewara ro'o 'a aka Takarimy, Korawa, Xako'iapari, Taywi, Awarao, Eirowytygoo, Ataxowoo, Xawakato, Mareapawygi, Ixyre'i.

Takarimy raka akome'o kwara arewe nyn. Takara ro'o raka'e akwap kwara kwaapawa ramo.

Maryn ro'o mi iapa tawa pyteripe xe imaina.

HISTÓRIA DA ALDEIA IPIRAKWARI

Lá naquele riacho que se chama Ipirakwari foi que os pajés trouxeram a mãe dos peixes; trouxeram a mãe dos peixes lá de Belém do Pará.

A aldeia se chamava Ipirakwari por que lá tinha um buraco dos peixes.

Os Tapirapé de antigamente saíram daqui e foram morar lá em Ipirakwaritawa porque eles gostavam mais de lá, mais que da aldeia onde moramos e que se chama Orokotawa.

Ipirakwaritawa era a maior aldeia dos antigos. Diz que lá tinha um morro bem grande, então eles fizeram a aldeia e a casa deles na beira do morro.

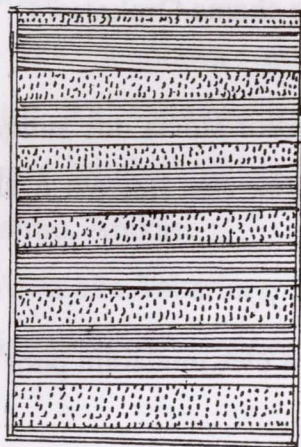
De lá do Ipirakwaritawa eles mudaram para Xakyrywatawa, e então a aldeia diminuiu.

A aldeia é sempre circular porque os antigos Tapirapé começaram fazendo assim.

Takarimy contou que essa aldeia era muito importante porque lá tinha a *takara* e a marcação do sol. A *takara* fica no meio da aldeia para saber onde o sol vai se pôr.

O pessoal fala que essa aldeia é igual ao relógio, então, quando a pessoa vai para a roça e chega de volta na aldeia, olha logo a *takara* e vê a que horas chegou.

Então, isso é muito importante para nós.



TOKYNOOKWATAWERA RE XE'EGAWA PARAGETA

Iypy ramo ro'o raka'e awa i'aki tokynooa'yra mo, a'ere xepe ro'o raka'e ieraki tawa Tokynookwatawa pe.

Epa marageta ro'o aoxekato ware'yma mo pane, axe'apeawa ropi raka ikome'o arewe.

Tokynookwatawa wi ro'o raka'e iyryki Paranytajpe rano, Paranytawa wi ro'o raka'e itori Ipirakwaritajpe, a'e pe py ro'o raka'e itowi.

A'e Ipirakwaritajpe ro'o raka'e karaxao ipa'ymi ee, a'e karaxao axee pa'yma mo ro'o raka'e ijaja.

Karaxao axee pa'ymire ro'o raka'e gy itori São Pedro katy, a'ewi raka'e irori Lúcio petori katy.

Epewi raka'e 'a ijapa 'ota Orokotawa.

Tokynookwatawa kapitawa ro'o raka'e Kamairao, xepaanogawa kwajtara ramo, takara rawaixakara rano.

Kamoriwa raka'e aka tataopawa kwajtara ramo, Kaxanapi xowe ro'o raka'e aka xepaanogawa kwajtara ramo.

Paxewera xowe ro'o raka'e emi: Tawy, Koro'i, Xamare'yimi.

Tawy ro'o raka'e aa Tapi'itawa wi Tokynookwatawa paxe ramo akawo.

Koro'i ro'o raka'e aa Tapi'itawa wi Tokynookwatawa paxe ramo akawo.

Xamare'ymi ro'o raka'e aa Maakotawa wi Tokynookwatawa paxe ramo akawo ramo.

Ewi xe ro'o raka'e paxewera ia Tokynookwatajpe.



HISTÓRIA DA VELHA ALDEIA TOKYNOOKWATAWA

Deram esse nome para a aldeia Tokynookwatawa porque uma pessoa tirou de lá um filhote de tucano. Mas, a pessoa que contou essa história falou que não é bem assim!

Desta aldeia eles foram embora para outra aldeia que chamava Xakirywatawa, e de lá, foram para outra aldeia que se chamava Paranytawa, seguindo o caminho que levava até a aldeia Ipirakwaritawa. Foi lá que eles pararam mesmo para morar. Nessa aldeia foram atacados pelos Kayapó, e todas as pessoas que moravam lá se espalharam, não ficou ninguém.

Então, vieram para uma fazenda que se chama, até hoje, São Pedro. De lá, um branco que chamava Lúcio trouxe eles até um lugar onde fizeram uma aldeia que se chamava Orokotawa. Quando os brancos foram conhecendo essa aldeia, chamaram de "aldeia Tapirapé", porque o nome da tribo é Tapirapé.

Os nomes dos capitães da aldeia Tokynookwatawa eram Kamairao, Kamoriwa e Kaxanapi. Cada capitão mandava fazer uma coisa para o povo. Por exemplo: o cacique Kaxanapi juntava o pessoal dele para fazer uma festa; então o serviço do cacique Kaxanapi era esse.

Os pajés que foram cuidar da aldeia Tokynookwatawa eram: Tawy'Koro'i e Xamare'ymi. Cada um saiu de sua aldeia para ir para a aldeia nova. Por exemplo: Tawy era o mais velho e vivia cuidando na aldeia Tapi'itawa; Koro'i também era de Tapi'itawa. Xamare'ymi era um grande pajé de Maakotawa, e foi ser pajé em Tokynookwatawa.



XEXOTAWA PARAGETA

Xexotawa ro'o raka'e pa 'op xanerowiawa gy tawa mo rano; epe a'ekweripe itowi maira tawa (Vila Rica). Niwaxaj ro'o raka'e 'opa tawa a'e pe rano. Mokojyy ro'o raka'e tawa itowi axapaywyywryi. Xexotawa ywy pe ro'o raka'e niwaxaj xexo rano. Kwaripe ro'o raka'e mi xanerowiawa gy wetepe i'o xexo. Yekwapi ro'o raka'e mi aaki akwapa, 'a a'e ramo we i'owo 'opa xexo. Mimoja ramo, miyra ramo, mimakeka ramo rano.

Xaneypy agy raka'e mi wetepe i'ep mimakeka re. Eixanami 'a xaneypykwera agy, 'owa ma'e agy mimakeka ramo xe i'o ipikyra 'opa.

Maryn ta xe raka'e xanerowiawa gy ix'eapeawi 'atawa re axe'ega nyn: - Xane ywy pe'a niwaxaj xexo, a'era mo xeretawa xierak Xexotawa pe axawo raka'e. 'A ro'o raka'e ieraka irekawo atawa Xexotawa pe. A'e kwera pe we mi 'a xanetymymino kwera gy ramo ee xerexema'ewo xienoj Xexotawa pe irekawo.

Xexotawa gy we ro'o raka'e akwaap temekwara apaawa rano. Awera gy tawa tana raka'e naapa kwaawi temekwara. Temekwara ramo wara aywý pe kwawa mowe tana raka'e mi a'egy iapa axewe. A'e ro'o raka'e mi amotee tawa gy, Tapi'itawa, Maakotawa, Ipirakwaritawa gy apyyk ixowi ma'e ma'e re.

Xexotawa gy kaawa yekwapi ro'o ekwe a'at 'ota Paranyo ropi. Maryn ta xe raka'e epa ieraki Parany xawa mo. Parany ryxa'aki mo

ro'o raka'e aa pa temekwara ramo wara katy. Xaneypy agy ro'o raka'e mi yekwapi aerak Toxypia pe irekawo. Toxypia ry ro'o raka'e apap aawo wytyra re. Maryn ta xe raka'e mi xaneypy agy yekwapi xe imana iawaopita temekwara apaawa katy. Temekwara ramo ia papyra ro'o raka'e mi akwap ywyraywypy ropi. A'e xe ro'o raka'e mi xaneypy agy aapa aawo. Aapi ro'o raka'e mi ita axaee. A'e ro'o raka'e mi ita axepemaemak apata aapaara re. A'e ro'o raka'e mi temekwara aapaara awykawyka ipeaweawera a'ata ee. 'A ro'o raka'e mi a'ere iypa 'opa ipeaweawera pe. A'e ro'o raka'e mi werot ixiiwo irakwapa. Xexotawa pe ro'o raka'e niwaxaj paxewera rano:Koria, Kaorewygi, Kararawore, Arapa'i, Wyrá'i'i, Marexa, Koxaapeona. Xanepaxap ro'o raka'e akoma'e paxe. Mokoj xowe ro'o raka'e koxymaxe. Xexotawa kapitawa xowe ro'o raka'e: Awaeteo, Taroko, Awaeteo ro'o raka'e tawa kapitawa. Taroko xowe ro'o raka'e tarywa kapitawa.

HISTÓRIA DA ALDEIA XEXOTAWA

Há muito tempo, tinha uma aldeia de nossos antepassados chamada Xexotawa, onde agora existe a cidade de Vila-Rica. Nessa aldeia tinham muitas casas ao redor de outras casas.

Próximo da aldeia tinham muitos peixes chamados *iú*. No tempo da seca os nossos antigos gostavam de matar *iú*, porque quando a água seca, os ribeirões ficam todos separados e existe muito peixe. Aí, aproveitam para comer cozido, assado e *mimakeka*, que é um modo saboroso de Tapirapé fritar peixinho (até hoje os mais velhos comem peixinho de *mimakeka*).

Os habitantes da aldeia se reuniram para saber como podiam dar um nome para ela, e decidiram dar o nome de Xexotawa, já que tinham inúmeros *iú*. Até hoje quando nós, netos destes habitantes, estudamos, indicamos o nome de Xexotawa.

Apenas eles sabiam fazer *temekwara*, que é uma espécie de tembetá de pedra branca, e podiam fabricar porque ficavam próximos da aldeia de Xexotawa. Outros habitantes não sabiam de nada. Trocavam coisas com eles quando iam passear em outra aldeia. O ribeirão que Xexotawa usava deságua no rio Araguaia, próximo da cidade de Lago Grande. Esse ribeirão chama-se Parany, e era de

um ribeirãozinho que saía dele, chamado Toxypia, que os antigos fabricavam *temekwara*.

A pedra que os antigos transformavam como *temekwara* ficava na serra, em baixo das árvores. Na fabricação, os antigos pegavam uma pedra e jogavam em cima de outra pedra, que se rachava pulando para todos os lados. Os que faziam tembetás ficavam todos machucados e cortados de pedra.

Na aldeia Xexotawa também existiam muitos pajés que tratavam das doenças: Koria, Kaorewygi, Kararawore, Arapa'i, Wyrá'i'i, Marexa, Koxaapeona. Eram cinco homens e duas mulheres pajés. Tinha ainda o chefe da aldeia e o da festa; Awaeteo era o chefe da aldeia Xexotawa, e Taroko era o chefe da festa.

TAKAROOKYWETAWA PARAGETA

Iypy ramo ro'o raka'e natywi tawa rera.

A'e ro'o raka'e pane amo aa akawo axetyroga ka'a pe .

A'e ro'o raka'e ewiri we kotataiwera agy aapy etyma ixowi.

Naxigoj ro'o raka'e mi eta agy irekawo, maryn ro'o raka'e iapy etyma ixowi.

Nakome'oj ro'o raka'e myga ixope etyma kajtawa.

Aoxetee ro'o raka'e paxe reta mo ia ikome'owo ixope.

A'ere ro'o raka'e itori awyripe a'ywyteray ramo weta agy we.

A'e ro'o 'ot tajpe iapywo takaroo.

A'e ro'o raka'e aapypap awyra.

Maryn ro'o raka'e epa inogi tawa rera ramo Takarookywetawa.

A'ere xowe ro'o raka'e itopawi gy Paranytajpe.

'Opoko ro'o raka'e 'opa Paranytajpe.

A'ere xowe ro'o raka'e itori kakaty.

'Ot ro'o raka'e awaema Yykyrytawa we.

A'e wi xowe ro'o raka'e itori awaema Wyráo karoawa we.

A'e wi xowe ro'o raka'e itori awaema Tawaenajpe.

Tawaenajpe ro'o raka'e ixoka wetepe are xaryja agy karaxa.

Tawaenawa wi ro'o raka'e iayj are xaryja agy axawi.

Amowera agy ro'o raka'e 'ot axewyta wakykwera gaty.

Amowera agy xowe raka'e 'ot kakaty Awiowy katy.

Amakaxymawexi ro'o raka'e are xaryja agy karaxa.

A'e wi xowe ro'o raka'e itori awaema Awiowy we.
'Ot ro'o raka'e Awiowy remeywyrá ropi awaema.
'A iapawo 'ota tawa mo axeope.
Maira agy raka'e aerak Tapirapé pe.
Areramoja agy tana raka'e aerak Tapi'itawa pe.
Maryn mi maira agy ieraki epaga pe xe.
Takarookywetawa apyra ro'o raka'e aa Tawaenajpe.
Maryn ro'o raka'e karaxa ia awaema ixokawo Tapi'irape agy pewo,
Tawaenajpe. Tawaenajpe ro'o raka'e itowi xawaxio wetepe.
Maryn ro'o raka'e epe mi ixoka aawo xawaxio.
Gy ro'o raka'e mi axoka wetepe xawaxio o'ywa pe xe.
Maryn ro'o ieraki Tawaenawa pe.
Maryn ro'o raka'e karaxa iwaemi aawo xawaxio awyajpe ixope.
Tapi'irape ro'o raka'e aka wetepe rano.
Maryn ro'o raka'e namakaxypawi aawo.
Maryn ro'o Tawaenawa pe niwaxaj Tywykwera Tapi'irape
rywykwera, karaxa rywykwera rano.
Tawaenawa Awiowy Tapi'irape 'y.
Maryn gy inogi epa Tawaenawa.
Tawaenajpe ro'o raka'e mi ia aketa marynime xay xawaxio 'owo.

HISTÓRIA DE TAKAROOKYWERA

Primeiro essa aldeia não tinha esse nome. Depois um pajé foi morar fora da aldeia e levou toda a família dele. Quando eles saíram da aldeia, a criançada foi brincar e queimou a casa do pajé. Alguém contou para ele da casa queimada, e por isso ele veio com raiva na aldeia.

Ele tocou fogo na *takaroo* e em todas as casas da aldeia; não sobrou nenhuma. Por isso, eles chamaram a aldeia de Takarookywetawa.

Depois eles foram para a aldeia de Paranytawa, e moraram muito tempo nesta aldeia. Depois eles vieram para cá e, ainda depois, chegaram no Yykyrytywa. Saíram de Yykyrytywa e vieram chegando onde jaburu comia muito peixe.

Depois eles vieram chegando no Tawaenawa, e os Karajá atacaram nossos avós. Até que vieram descendo o rio Tapirapé.

Chegaram aqui e fizeram essa aldeia Tapirapé.

Ó branco chamava de "aldeia Tapirapé". Agora nós chamamos de Tapi'itawa. O branco chama até hoje de "aldeia Tapirapé".

Quando eles queimaram a aldeia Takarookywetawa, vieram para Tawaenawa. Foi por isso que os Karajá chegaram e mataram os Tapirapé.

Lá em Tawaenawa tinha muita tartaruga, e eles iam matar as tartarugas só de flecha. Daí foi que saiu o nome de Tawaenawa. Os Karajá chegavam no lugar que o povo Tapirapé matava as tartarugas, e lá tem um cemitério de Karajá e Tapirapé. Neste lugar também eles passaram um mês comendo tartaruga.



MOO'YTAWA GY XAPIAROAWERA PARAGETA

Moo'ytawa wi ro'o raka'e mi agy ixapiaro, Tapi'itawa agy ramo, maryn ro'o raka'e mi Moo'ytawa agy ikeri 'ota Paranyxigytaipe, a'ewi ro'o raka'e mi ikeri 'ota Kanine'yjpe. 'A ro'o raka'e mi aketa 'ota 'opa, ymywe ro'o raka'e mi iata rano, 'a Kanine'ywa wi ro'o raka'e ikeri 'ota 'a yekwapio pe. A'e wi ro'o ikeri 'ota raka'e Xyo re. Ipaitypap ro'o raka'e mi 'ota axapiarowawa ropi. Xyo wi ro'o raka'e ikeri 'ota 'a yekwapio'i pe, a'ewi ro'o raka'e itori aketa apa pe iko, akygime. Ty'ara ro'o raka'e mi werot irekawo gy, apap ro'o raka'e mi ixowi 'ota ipajtyra. Epe wi ro'o raka'e ikeri 'ota apa pe Xaj'omime, a'e wi Yryapyroo re, epe wi ro'o raka'e ikeri 'ota gy. Ywytykato apyterete re. A'e wi ro'o raka'e mi gy iexak ka Yrywo'ywawa gaty wara xo. Ywytykato wi raka'e mi itori aketa gy 'a Ipirakwaroo pe. Epe ro'o raka'e mi gy we aixe Tapi'itawa. Ipirakwaroo wi ro'o raka'e apa pe ikeri 'ota Koxi'irywy pe, epe Koxi'irywy wi ro'o raka'e mi gy iwaemi 'ota Tapi'itaape. Ka aataawa ropi ro'o raka'e mi ipikypikyra i'o imota, temiara ro'o raka'e mi axoka rano. Niwaxaj raka'e mi gy aketa 'ota akawo axapiarowawa ropi, ty'ara raka'e mi werot rano. Apajtypawa ramo raka'e mi irori ty'ara gy irekawo. Ayay ro'o raka'e mi 'ota gy awaema, awexiwi awaemire mo ta'e.

Tapi'itawa pe wara agy ro'o raka'e mi ayj weta agy gaty. Temi'omi'o ro'o raka'e mi werot weta agy we, ty'ara ro'o raka'e mi werawaem iraa wo tajpe, maryn raka'e mi Tapi'itawa agy taneme ikaki weta agy. Ikake'yma mo raka'e mi ixoka ty'ara, niwaxaj ro'o ty'ara ryne'yma, aparaxoka ro'o, naparamamireweri ro'o ty'ara rano.



HISTÓRIA DA VIAGEM DE MOO'YTAWA A TAPI'ITAWA

O povo de Moo'ytawa foi visitar a aldeia de Tapi'itawa. Pararam para dormir no *Paramaxi'ytaipe* e também no *Kanine'ywa* (árvore do ninho da arara amarela). De lá eles saíram bem cedinho e dormiram no *yekwapiope*; continuaram andando e dormiram no *xyo*. O povo que vinha visitar a aldeia Tapi'itawa ficou sem farinha no meio da mata. Eles continuaram andando e dormiram no *yekwapi'o'i*, e também no *iko'akygime*. Com eles veio a fome também, porque eles comeram toda a farinha que tinham. De lá eles dormiram no *Xaj'oma*, no *Yryapyroo* e no *Ywytykato*. Desse lugar o pessoal olhava para o campo do Urubu-Branco.

Continuaram andando e dormiram no *Ipirakwaroo*, no *Koxi'irywype* e, só então chegaram na aldeia Tapi'itawa. Lá comeram peixinho, caititu e porcão.

Eles chegaram com muito cansaço porque vieram de longe, e o povo de Tapi'itawa correu para olhar. O povo de Tapi'itawa levava comida para o povo que era irmão dele, e quando não tinham mais comida para dar, o povo de Moo'ytawa começou a morrer de fome, porque dizem que a fome enfraquece e mata gente.

MOO'YTAWA PARAGETA

Moo'ytawa agy ro'o raka'e aka Paranyo 'ywyri i'yakyo ropi.

A'e ro'o raka'e kwe ropi ka'a pe 'yekwapi mo 'op. A'e ywyri ro'o raka'e niwaxaj Moo'ytawa. A'e ramo ro'o raka'e pa inogi, tawa rera mo Moo'ytawa ramo.

Axe tana ro'o raka'e epe xaneypy agy mo niparaxigoj akawo. Maryn ro'o raka'e mi Maakotawa ne ixaxoka akawo.

Moo'ytawa agy ro'o raka'e mi naaj mamogaty wara mo, atajpe xe ro'o raka'e mi ika.

A'e Moo'ytajpe ro'o raka'e rano, natywi xo mo iyypye, Ka'a pyteripe ro'o raka'e ika.

A'e raka Myta'i akome'o amo arewe rano, ywytyra re raka a'ega. Ywytyra mo re ro'o raka'e mi xaneypy agy naxopiri aawo.

Niwaxaj ro'o raka'e ywytyra rowiawa.

A'e ywytyra re ro'o raka'e ika ma'e mo tyro xawie, aata ro'o raka'e mi akawo ywytyra re.

Moo'ytawa pawa ramo ro'o raka'e itori gy korera aawo Ipiyxigytajpe akawo, gy korera rano.

Tawa kome'o re raka ikome'o kapitawa arewe rano.

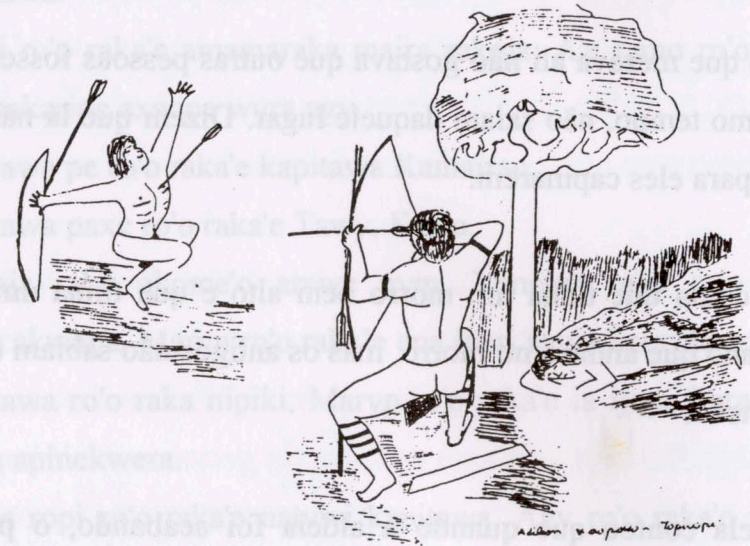
Moo'ytawa kapitawa ro'o raka'e Apyawaiwa aka.

Axe pe'i ro'o raka'e ika tawa rexakara.

Paxewera agy xowe ro'o raka'e wetepe aka tajpe.

Paxewera rera ro'o raka'e : Wyrä'i'i, Majwaroo'i, Yrywaxa, Korä, Kararawore, epe ro'o raka'e ika paxewera agy.

A'e Moo'ytawa Xexotawa wi ro'o ka ika Toto'i xe.



HISTÓRIA DA ALDEIA MOO'YTAWA

A aldeia Moo'ytawa ficava próxima à beira do Araguaia. Dizem que lá tinha um ribeirão com uma madeira que serve para fazer ponta de flecha, chamada *moo'ywa*, e por isso a aldeia ficou com esse nome.

O povo que morava ali não gostava que outras pessoas fossem lá e, ao mesmo tempo, não saíam daquele lugar. Dizem que lá não tinha campo para eles capinarem.

Myta'i conta que tinha um morro bem alto e que tinha um bicho igual pano que andava no morro, mas os antigos não sabiam o nome desse bicho.

Então ela contou que quando a aldeia foi acabando, o povo se mudou para outra aldeia que se chamava Iriryxigytawa. Ela tinha esse nome porque os antigos faziam sempre timbó lá.

O capitão da aldeia de Moo'ytawa era Apyawaiwa, mas pajé tinham muitos. Eles se chamavam: Wyra'i'i, Majwaroo'i, Yrywaxa, Koría, Kararaware. Só Toto'i é que veio para cá. O povo de lá morreu todo.

I'AXORATAWA PARAGETA

Tawa ro'o raka'e naheriwe. A'e ro'o raka'e maira mo mi aka axaoka ixyjme apireteo. A'e maira rakoja ro'o raka'e i'axorarie akawo ixaoka ramo, Maryn ro'o raka'e imamaraka 'a inoga tawa rera ramo: l'axoratawa.

Xakowi ro'o raka'e amamaraka maira rakoja. A'e ramo ro'o raka'e ixe'egi takaripe axaope wyra agy.

l'axoratawa pe ro'o raka'e kapitawa Kamairao.

l'axoratawa paxe ro'o raka'e Tawy, Koría.

Xeramoja raka akome'o arewe nym. Xaneypy agy ro'o raka'e akwaap akwapa, Maryn ro'o raka'e epa ipari aawo karaxao ropi.

l'axoratawa ro'o raka nipiki, Maryn ro'o raka'e ia ijopa karaxa agy remiara apinekwera.

Taatawa ropi ro'o raka'e natywi kapitawa. Agy ro'o raka'e wereka kojana mo, a'e ro'o raka'e 'a wereka paxe mo iywyto pe akawo, maryn raka'e 'a ipa ia ijopa kojana. A'e ro'o mi 'a xirakwap

HISTÓRIA DE L'AXORATAWA

A aldeia não tinha nome ainda quando os Tapirapé dessa aldeia viram um *tori* se banhando no lugar dele. Ele se banhava nú e Toto'i foi ver ele. Depois, fez uma canção com Xakowi e o pessoal dele e se reuniram na *takara*. Lá botaram o nome da aldeia de l'axoratawa.

O capitão da aldeia era Kamairao, e os pajés eram Tawy e Koría. O avô contou para nós a história assim.

Diz que antigamente o nosso povo não sabia os direitos dele, e por isso saiu no rumo dos Kayapó.

O povo de l'axoratawa não aguentou e foi no rumo dos Karajá.

Diz que também não tinha cacique lá, e por isso eles brigavam muito uns com os outros.

O povo não tinha *coité*. Dizem que um pajé sonhou e descobriu onde achar *coité*. Agora o povo está plantando *coité* no quintal.

MANAKARO PARAGETA

Manakaro py ro'o raka'e aa apata gy we.

Aaoho hewi ro'o raka'e Maira ewiri eta agy.

Tawa ro'o raka'e ekwe amamyro imanawo.

A'e ro'o raka'e aparypy aawo xeke'atajpe.

A'e pe ro'o raka'e iexaki irekawo gy.

Maira mo 'a 'ot awaema xanewe axawo.

Xeke'atawa wi aawo; pe amo tajpe rano.

A'e wi ro'o raka'e ia tokynoo kwatajpe.

A'e pe iexaka irekawo rano. Ipiretoetona irekawo.

Tokynookwatawa wi ro'o raka'e itori ixowi eta agy.

Pe ro'o raka'e axawerekawo a'egy waty ne xe.

Ma'yra ro'o raka'e weraa. A'e py ro'o raka'e amim irekawo gy wi.

Aapokoete ro'o raka'e akawo gy pyri.

A'e ro'o raka'e akwaapaapap akawo gy rekareka.

Ka ro'o raka'e mi aapa ixope maxiro rano.

Axemoon ro'o raka'e mi aporaajta gy pyri.

Aty ro'o raka'e mi axemoon rano.

Tapi'irape rekarekao ro'o raka'e mi ixawereka.

Ipirakwarookwatajpe ro'o raka'e epe imama'epaapap akawo. Yro

ro'o raka'e atarataraki, ekwawa. Wekwapawa mo ro'o raka'e

amanyxo re ime'egi ma'yra koxywera we.

A'e ro'o raka'e apawyn amanyxo aty axeope.

Inoga tana ro'o raka'e koxywera inogi ixope.

Axekwe ro'o raka'e irori kakaty.

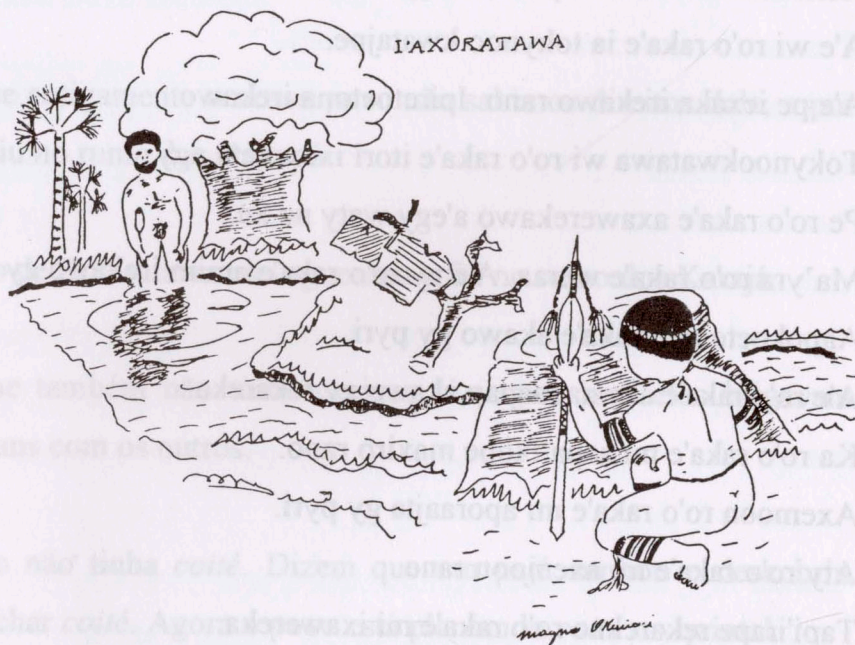
'A Okoytajpe ro'o raka'e irori irekawo py rano.

A'e Okoytawa wi xowe ro'o raka'e itori aawo weta agy katy.

'Ota ro'o raka'e ixaj'a'i 'ota aawo.

Axaj'a ro'o raka'e gy ee rano.

Ajxaka'op ro'o raka'e etymiro agy.



HISTÓRIA DO Dr. MANDACARU

Foi Mandacaru quem apareceu primeiro na aldeia dos Tapirapé. E junto com ele, veio um bocado de brancos.

Eles foram procurando a aldeia dos Tapirapé, e a primeira em que chegaram foi Xeke'atawa. Quando eles chegaram na aldeia, os Tapirapé estavam vendo tudo e diziam assim: os brancos estão chegando para nós.

De Xeke'atawa foram para outra aldeia chamada Tokynookwatawa. Os Tapirapé de lá estavam sempre observando os brancos e sentindo o cheiro do corpo deles.

De Tokynookwatawa voltaram os companheiros dele, ficando assim somente Mandacaru e sua mulher. Ele tinha muita conta, só que não mostrou logo; ficou com elas escondidas e passou muito tempo com os antigos Tapirapé.

Aprendeu todos os costumes dos Tapirapé, passava pintura no corpo e dançava junto com eles.

Lá no Ipirakwarookwatawa as coisas dele acabaram, e ele não tinha mais roupa e nem rede. Quando a rede dele rasgou toda, fez a troca

das miçangas por algodão; o algodão próprio para fazer rede. As mulheres Tapirapé que fizeram uma rede nova para ele.

Até que ele veio mais para cá, passar uns dias na aldeia Okoytawa. Daqui, foi embora para sua terra. Foi embora chorando, e o pessoal também chorou muito. Todos ficaram com saudades dele.



KARAXAO MYTA'I PYYKAWERA KOMÉ'OWAWA

PARAGETA

Myta'i ro'o raka'e karaxao apyyky iraawo Moo'ytawa wi.
Karaxao ro'o raka'e aa axata Moo'ytawa re akawo ppytonimo.
Ma'ema'e ro'o raka'e mi aa'yg aawo 'opa karaxao Moo'ytawa agy we.
A'e ro'o raka'e karaxao apa'ym Moo'ytawa agy re ymy'iwe.
Axe tana ro'o raka'e ipa'y mi koxywera agy re xe rano. Marynime xe ro'o raka'e akoma'e ika tajpe. A'e xe pe ro'o raka'e naxokaakari wetepe akoxywera. Axee pa'y ma mo ro'o raka'e gy iyj axemima ixowi.
Amowera xowe ro'o akwap tajpe iawaxata axee karaxao.
A'e ro'o raka'e axoka koxy mo xe. A'e koxy rera ro'o raka'e Koxamokopytyga. A'e re ro'o raka'e ia ixowi karaxao ee apa'y mi re.
A'e ramo we ro'o raka'e gy itori ixowi. 'Ora ma'e agy we ro'o raka'e atym 'ota a'e koxy reawera. Axemima ma'e agy ro'o raka'e 'ot rano.
A'e karaxao agy xowe ro'o raka'e weraa iraemoka irekawo Myta'i agy. Maryn ro'o raka'e gy ienowi 'ota akawo aemoka.
Myta'i iro rera ro'o raka'e Mareapawyga.
A'e Mareapawyga xawa ro'o raka'e iporo'a akawo.
Wera'yaap ro'o raka'e iraawo paranyona ryapyra ropi.
Maryn ro'o raka'e irakaaroki iraawo kweg a ka'a re amynawyrimo.

Maryn ro'o raka'e karaxao agy iapa aawo 'opa awyra rano amyna wi iwenywo tata. Maryn ro'o raka'e awyra apa ramo we Myta'i agy ixamageta aawo akopa axe'ega airo ne, aa ekwe ie newi axawo.

A'era mo ro'o raka'e iiro ix'e'egi ixope, ea ke xewi axawo wekajxewo mo tana ie aa rano.

A'e awyra apapawire xowe ro'o raka'e ikaro 'opa. A'ere xowe ro'o raka'e ikeri akwapa ywy ropi.

A'e ro'o raka'e Myta'i nakeri 'opa amaenyna karaxao agy keaware.

A'e ro'o raka'e aket ixope xe, ka 'ota ixowi ikerori.

A'e ro'o raka'e 'ot wakykwera ropi, maryn ro'o raka'e karaxao agy ipapaki ka pane ro'o raka'e imayta imota. A'e ro'o raka'e ix'e'moka renopa we axoopit ixowi ywyra re.

A'e ro'o raka'e karaxao wekapawamo axewyt rano. A'ere xowe ro'o raka'e Myta'i ixysi ywyra wi, ka 'ota iaapa 'y rano, awaema tajpe.

HISTÓRIA DE QUANDO OS KAYAPÓ PEGARAM

MYTA'I

Dizem que os Kayapó pegaram Myta'i da aldeia Moo'ytawa.

Também dizem que, quando os Kayapó queriam atacar a aldeia, ficavam escondidos imitando o canto dos pássaros. Isso acontecia à noite, e por isto os habitantes de Moo'ytwa já conheciam os guerreiros Kayapó.

Numa manhã cedinho, os Kayapó atacaram a aldeia, pegaram duas mulheres e saíram gritando. Junto com as duas mulheres, eles viajaram longe e atravessaram um rio que nossos antepassados chamavam de Parany.

Quando chegaram no lugar em que iam dormir, fizeram casas de banana brava pois estava chovendo. Depois, prepararam suas comidas e se alimentaram junto com as mulheres. Mas, as mulheres não tinham se acostumado a comer junto com os Kayapó, e elas iam conversando enquanto tudo acontecia. A velha Myta'i dizia que iria fugir quando os Kayapó dormissem, mas a sua companheira não quis fugir porque estava grávida.

Depois de comer, os Kayapó prepararam as suas coisas para dormir e colocaram as pernas em cima das mulheres para que elas não

pudessem fugir. Mas, quando os Kayapó começaram a dormir, a velha Myta'i foi tirando devagarzinho as pernas que eles botavam em cima dela e, quando conseguiu, saiu rápido e foi embora.

Os Kayapó acordaram e gritaram para os outros perseguirem ela, mas não conseguiram alcançá-la. Assim, Myta'i conseguiu voltar à aldeia.

MAAKOTAWA WI TOAWA PARAGETA

Maakotawa wi ro'o raka'e itori Awaeteo agy Paranyete ropi.

Iypy ramo ro'o raka'e itori ikwyna Itakwaroo'i xawa, ka pe aketa.

Axiwe we ro'o raka'e itori rano awaema Pariopawa xajpe pe aketa a'e pe we rano. A'e wi ro'o raka'e itori aketa Yapə'a xajpe rano, pe aketa a'e pe we rano. A'ere ro'o raka'e axiwe we itori rano awaema 'ota Araxiga xajpe.

Maryn ro'o raka'e a'e pe py ikeri 'ota rano, i'owo 'ota 'opa xawaxiete, ipira rano. Kakaty 'ota ro'o raka'e i'o imota xawaxi xe, ipira ne. Aixak pane ro'o raka'e mi temiara, a'e ro'o raka'e mi natywi ixope o'ywa.

Ipira xowe ro'o raka'e mi axoka axewe pyape.

Amo ramo ro'o raka'e mi iximaka 'ota akawo ixokawo axewe ipira. A'e Araxiga wi ro'o raka'e itori aketa maira agy ypype, a'e pe ro'o raka'e ienowi 'ota maira agy papo. A'e maira agy ro'o raka'e aa iapawo 'opa yara. Maryn ro'o raka'e axiwewe ipari 'ota maira agy we.

A'e ro'o raka'e nawerekaj marygato amo, amakaro akarie ro'o raka'e irekawo axepyri. A'ere ro'o raka'e itori ixowi rano, pe awaema 'ota Lago Grande pe rano. A'e pe ro'o raka'e itori aketa 'opa mokoj 'at rano. A'e ro'o raka'e axiwe we 'ot kakaty awaema Karaxa pe.

Tatayara pe ro'o raka'e imorakari maira agy Lago Grande wi. A'ere ro'o raka'e Warini irori 'a tajpe 'yara pe. 'A ro'o raka'e awaema 'ota tajpe gy tataopawa 'o ramo.

HISTÓRIA DA VOLTA DE MAAKOTAWA

Essas pessoas que vieram de Maakotawa pegaram o ribeirão chamado Paranyete e vieram descendo para um lugar que se chamava Itakwaroo'i. Desse ribeirão elas vieram para um outro, chamado Waywiy, e logo após para o ribeirão Pariopawa. Depois chegaram à um laguinho chamado 'yapa'a, onde observaram muitas tartarugas e outros bichos também. Como não tinham armas, só se alimentavam de tartaruga.

Depois chegaram num lugar chamado Araxiga. Lá encontraram uns dez brancos fazendo canoa, e, as pessoas que saíram de Maakotawa dormiram bem pertinho deles. De manhã cedinho saíram da selvinha que estavam se escondendo, mas os brancos as encontraram e deram comida para elas.

Depois de comer, vieram de novo descendo o ribeirão, rumo à colônia Lago Grande, gastando assim, dois dias para fazer o caminho. Do Lago Grande, com um barco, subiram o rio Araguaia, e, no mesmo dia chegaram na aldeia Karajá de Itxala. De Itxala vieram de canoa para a aldeia Tapirapé. Na aldeia, os habitantes estavam em festa, todos pintados e alegres, esperando sua volta.

PADRE FRANCISCO PARAGETA

Ippy ramo ro'o raka'e mi Padre Francisco py ika yara apytapykara ramo ixope, eixagato axawo irekawo ixope. A'ere ro'o raka'e Awaetekato'i we xe iapytapykakari irekawo, ipyyka ypy ipyykawa re ixope. A'e re ro'o raka'e ikwaawi imapyryrymawa xe py rano. Padre Francisco xe py ro'o raka'e mi wereka Santa Terezinha pe imaxema'eakata, iraawo, iraata ramo. Maryn ro'o raka'e ima'eete irekawo, taka mi axe'itee re axawo. Irayjtawa kwaawa mo xowe ro'o raka'e ix'e'egi irekawo ixope, maryn gato pa ereapa exewe irayjete ramo ne axawo. A'e ikwaagato e'yma mo we ro'o raka'e imorakari kakaty axepepe.

A'e ro'o raka'e akyyxe pane akawo, ere tee eawo axewe 'eramo ro'o raka'e itori axepe pe, we rayj ete ro'o raka'e irota voadeira kakaty. A'e ro'o raka'e ihyj py tera weraxararak aawo yjxiga re, kwe apika yjxiga pytera ropi, aepa ixewo. Ape re pake ka xewe e'ixe ro'o raka'e, kare ekwe aket axawo.

Xawaraxowi rerota mo ro'o raka'e ixoka irota.

A'e ro'o raka'e awaty irota 'y katy rano, kwe ira'ata.

A'e ro'o raka'e aa'ygimapyryryma, a'e ro'o raka'e apyryrym ixope rano. A'ewi ro'o raka'e iwaemi 'ota 'a tajpe.

HISTÓRIA DO PADRE FRANCISCO

No começo só Padre Francisco que pilotava para José Miguel ver bem como ele fazia funcionar a voadeira.

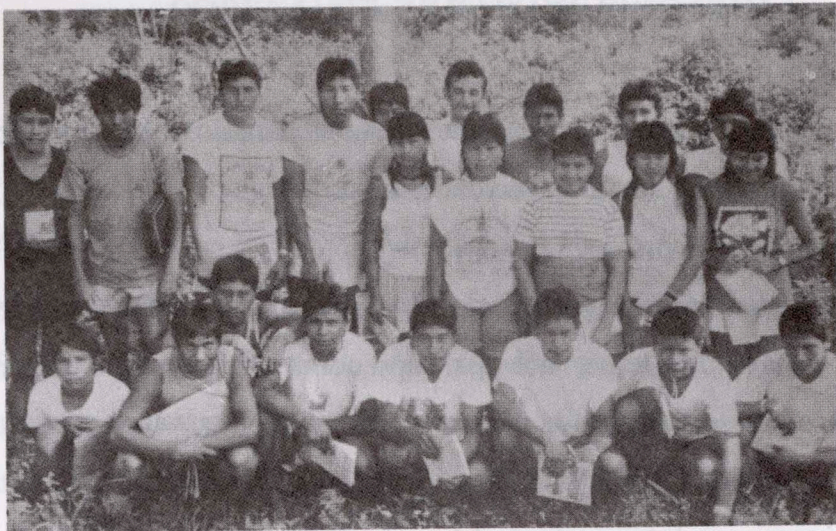
Daí ele deixava José Miguel pilotar a voadeira e acompanhava ele quando pegava no leme, até que aprendeu um pouco a fazer funcionar, mas sozinho ainda não sabia.

Padre Francisco levava José Miguel para estudar em Santa Terezinha e trazia para a aldeia de novo. Foi por isso que ele aprendeu bem a fazer funcionar a voadeira.

Foi aí que o Padre Francisco desmontou o motor e falou para José Miguel:

-Estou desmontando as peças para você montar depois.

Ele não sabia pilotar direito, mas Padre Francisco mandava ele sozinho mesmo assim. José Miguel ficava nervoso; a voadeira vinha sozinha correndo mesmo, e encostava na praia de repente. A voadeira parou quase no meio da praia e ele pensou que ela tinha quebrado, mas ela não quebrou de sorte.



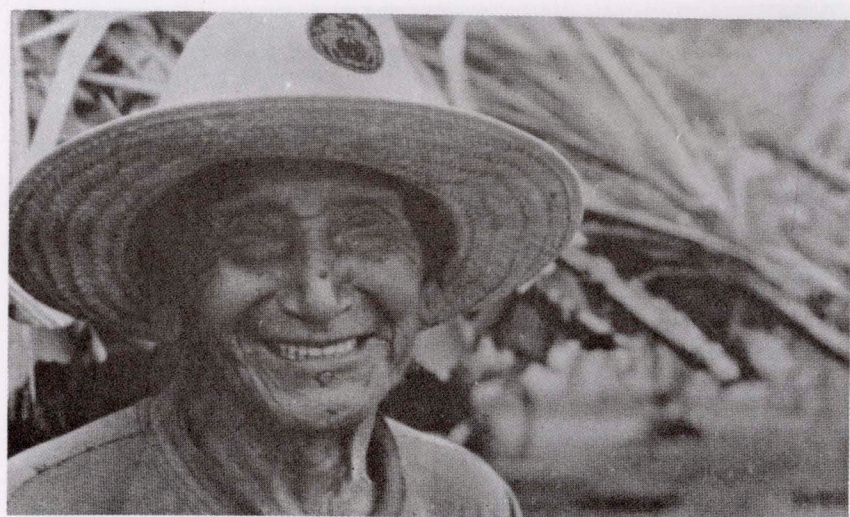
Acima: Os alunos da escola Tapirapé, autores das histórias, em 1993.

Abaixo: Iparewao, com os demais companheiros da escola, registrando as histórias Tapirapé.



Acima: Cantídio Taywi, líder Tapirapé e "professor" dos mais novos nas viagens a Tapi'itawa.

Abaixo: Makapyxowi, era menino quando os Tapirapé foram expulsos de Tapi'itawa pelos Kayapó.



Acima: Marcos Xako'iapari, líder religioso e grande contador de histórias e mitos.
Abaixo: Toto'i, fez parte dos que retornaram a Tapi'itawa em 1993, enfrentando fazendeiros e pequenos proprietários.



Acima: Myta'i, a mulher que, raptada, conseguiu escapar sozinha dos Kayapó.
Abaixo: Takarimy, um dos antigos moradores das aldeias do Urubu Branco.



O inspetor Mandacaru, do S.P.I., visita os Tapirapé de Tapi'itawa em julho de 1912, presenteando-os com roupas.

Acima: Myra, a mulher que, tapada, conseguiu escapar
do Urubu Branco.
Abaixo: Takaimyuna dos antigos moradores de
Tapi'itawa, em julho de 1912.